



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

**INTERDISCURSIVIDADE E ESTILO: A RELAÇÃO
DIALÓGICA DO TEXTO LITERÁRIO**

Adilza Ker-Leem Correia Gomes

CAMPINA GRANDE - PB
2017

ADILZA KER-LEEM CORREIA GOMES

**INTERDISCURSIVIDADE E ESTILO: A RELAÇÃO
DIALÓGICA DO TEXTO LITERÁRIO**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Letras - Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão de curso.

Orientador: Prof. Dr. Aloísio de Medeiros Dantas

CAMPINA GRANDE - PB

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

G633i Gomes, Adilza Ker-Leem Correia.
Interdiscursividade e estilo : a relação dialógica do texto literário /
Adilza Ker-Leem Correia Gomes.– Campina Grande, 2017.
60 f.

Monografia (Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa) –
Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Prof. Dr. Aloisio de Medeiros Dantas".
Referências.

1. Interdiscurso. 2. Sociocognitivismo. 3. Estilística. 4. Texto Literário
– Relação Dialógica. 5. Interdiscursividade – Diálogos. I. Dantas, Aloisio de
Medeiros. II. Título.

CDU 81'42(043)

ADILZA KER-LEEM CORREIA GOMES

**INTERDISCURSIVIDADE E ESTILO: A RELAÇÃO DIALÓGICA DO TEXTO
LITERÁRIO**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em _____ de _____ de _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Aloísio de Medeiros Dantas (UFCG)
(orientador)

Prof.^a Dra. Laura Dourado Loula Régis (UFCG)
(examinadora interna)

CAMPINA GRANDE - PB

2017

*À minha família e aos meus amigos, que
me ajudaram a chegar até aqui.*

AGRADECIMENTOS

Durante os meus cinco anos de graduação, Deus, em sua infinita misericórdia e amor, sempre cuidou de mim. Agradeço a Ele tudo que me concedeu. Permitiu que nesse tempo encontrasse pessoas as quais sou grata e que nunca vou esquecer. Elas são o resultado do amor e carinho de Deus em minha vida.

Agradeço a minha família: meus pais Antônio de Pádua e Maria José, que sempre fizeram o possível para que eu chegasse até aqui e meus irmãos: Jasube-Leem Pablo, Abda Aliã, Mirleem Katinelle e Ana Kat-Leem pela força.

Agradeço aos meu pais do coração Joselito Ferreira e Luciana Correia por me receberem em sua casa quando comecei a estudar. Obrigada, tia Lulu, tio Joselito, Rubinho e Rebeca.

Ao meu orientador, Dr. Aloísio de Medeiros Dantas, pela paciência e pelas risadas que proporcionou não só a mim, mas a todos à sua volta.

Às amigadas que o curso me deu: Ilonita Sena, Nathalia Niely, Jéssica Pereira, Regianne Monteiro, Daiely Souza, Joelson Fidelis e Déborah Miranda e às amigadas que a universidade me permitiu ter: Maria Oliveira, Carolina Lacerda, Shirley Oliveira, Verônica Bizerra e Lucineide Conceição. Todas elas companheiras do banco azul.

À turma de Letras Língua Portuguesa, cientistas da língua e Língua Francesa 2012.1.

Aos outros agregados do banquinho azul, os quais considero e torço: Alachermam Estevam, Alessandra Oliveira, Aline Ferreira, Ana Guedes, Analice Santos, Arley Melo, Danielly Fonseca, Deivid Lira, Erasmo França, Gabrielly Melo, Heloísa Costa, Herbert Sousa, Jéssica Florêncio, João Vitor Laurentino, Joseane Costa, Leonara Nahyane, Naéliton Nascimento e Thaíne Brasileiro.

À turma do ônibus da noite: Dioclécia Silva, Elza Ferreira, Rayssa Guimarães, Rayza Bacalháo, Renata Dias e Regina Andrade.

Agradeço também a Ruy Guedes Leão, secretário de Ciências Sociais, e a dona Margareth.

“-A vida é uma festa, uma festa a que fomos convidados sem saber por quem nem por que, mas uma festa; e então, já que estamos nela, vamos aproveitar até o último minuto. Mesmo porque não haverá outra”. (VILELA, 2006, p.45)

RESUMO

Este trabalho é feito à luz da Análise do Discurso, com auxílio de outras áreas da Linguística que se unem num mesmo objetivo: construir diálogos. A Análise do Discurso trabalha com muitas definições e uma delas é a de interdiscurso, que se concretiza por meio da linguagem e define a memória compartilhada socialmente. O interdiscurso é o que já foi dito e que volta em outros lugares e contextos fazendo novos sentidos. É um saber constituído. O Sociocognitivismo é uma área de estudos que compreende a linguagem como um instrumento de interação entre os indivíduos. A Estilística estuda a língua e sua função expressiva. É um recurso utilizado na linguagem para demonstrar emotividade. São três áreas que parecem desvinculadas ou avulsas entre si, mas verificaremos que juntas podem influenciar e trazer uma alta carga de informação através da comunicação e isso pode acontecer em diversos textos e gêneros textuais de várias áreas, até mesmo os de cunho literário, como é o caso do nosso trabalho, que tem por objetivo observar como estão constituídos os diálogos em *Bóris e Dóris*, uma novela do autor Luiz Vilela que se constitui através da conversa do casal que dá nome a obra. Utilizamos como base teórica dos estudos da Análise do Discurso Francesa e do Interdiscurso alguns autores, dentre eles, Pêcheux (1988, 1990), Brandão (1991), Orlandi (1942, 1999 e 2001) e Cardoso (1999). No que concerne aos estudos Sociocognitivos, nos recorremos as observações de Jubran e Koch (2006) e Castilho (2010) e, nos estudos estilísticos, Melo (1976), Câmara Júnior (1978), Martins (1989) e Monteiro (1991). Teremos como objeto de análise a novela acima citada e faremos um estudo de caráter interpretativo-qualitativo, caracterizado como sendo mais subjetivo e mais interativo. A partir de nossas leituras e pesquisas, podemos perceber que todo o discurso possui uma porção de memórias do dizer (interdiscursos) que são produzidos num contexto histórico-social, com sujeitos e ideologias e que se renovam a cada novo discurso. Também veremos que todo esse interdiscurso pode se constituir por meio de elementos do sociocognitivismo e da estilística, notando então que as três áreas se juntam numa mesma proposta.

Palavras-chave: Interdiscurso. Sociocognitivismo. Estilística. Texto literário. Diálogos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1- CONCEPÇÃO DE INTERDISCURSO.....	12
1.1- A visão teórica da Análise do Discurso.....	12
1.2- O interdiscurso.....	16
1.2.1- Distinção entre interdiscurso e intertexto.....	19
1.3- A visão teórica do Sociocognitivismo	21
2- CONCEPÇÃO DE ESTILO.....	28
2.1- A estilística	28
2.2- A estilística linguística e a estilística literária.....	33
3- PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS	36
3.1- Os caminhos metodológicos	36
3.2- A constituição do “corpus”	36
3.3- Os procedimentos analíticos	37
4- A RELAÇÃO DIALÓGICO-INTERDISCURSIVA EM BÓRIS E DÓRIS, DE LUIZ VILELA.....	40
4.1- O estilo construído em diálogos	40
4.2- Os interdiscursos de Bóris e Dóris	45
4.3- A inserção do interdiscurso no diálogo	51
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

INTRODUÇÃO

A interdiscursividade é um termo criado por Michel Pêcheux e indica uma propriedade inerente ao interdiscurso. Segundo Dantas (2007, p. 22), “interdiscurso são os dizeres dos outros que atravessam o discurso de quem fala ou escreve num determinado instante da enunciação”. É uma concepção em que os discursos se relacionam dialogicamente por meios implícitos, ou seja, quando os discursos conversam entre si e o que foi falado num certo dizer aparece em outros dizeres.

O estilo se responsabiliza por investigar como alguns recursos, linguísticos e literários, são utilizados para construir o caráter expressivo em textos orais ou escritos. Para Câmara Júnior (1978, p. 13), “estilo é a definição de uma personalidade em termos linguísticos”. Da palavra estilo, deriva-se a estilística, área de estudos que investiga a função expressiva que a linguagem carrega. Seu principal representante é Charles Bally, que se volta para os aspectos afetivos da língua.

O trabalho que apresentaremos tem como base a Análise do Discurso (também descrita como AD) e leva em conta o texto literário que, diferente de outros que essa linha de estudos observa, exprime algumas particularidades como os aspectos linguísticos, formais, expressivos e conotativos, por exemplo.

De linha francesa, a AD foi fundada por Michel Pêcheux e seus colaboradores na década de 1960, século XX. Ela leva em consideração a investigação das construções ideológicas presentes no texto, sendo este seu objeto de análise.

A Análise do Discurso considera todo e qualquer texto um elemento material capaz de transportar sentidos. Sendo assim, nosso *corpus* textual de análise será a novela *Bóris e Dóris*, de Luiz Vilela, que se estrutura na forma de um diálogo, quase sem a presença do narrador-observador, cuja perspectiva orienta o leitor para o diálogo de um casal, que está hospedado num hotel. A narrativa se passa em apenas um dia (parte da manhã e parte da noite) e traz o diálogo, sempre direto e simples, de Bóris, um empresário de idade mais avançada que sua esposa Dóris, uma mulher que, quando mais jovem, deixou seu emprego de professora para viver em favor de sua vida de casada.

Tendo exposto aqui sobre o fato de a Análise do Discurso considerar o texto literário também como objeto de seus estudos, e abordado qual o instrumento que servirá para a nossa análise, nosso trabalho pretende responder ao seguinte questionamento: Como se constroem os diálogos em *Bóris e Dóris*, de Luiz Vilela?

Acreditamos que as relações dialógicas presentes no texto são construídas com inserção de conhecimentos anteriores anônimos, os interdiscursos, que se fazem presentes de forma implícita no texto, precisando de bastante atenção para serem percebidos.

Na obra, podemos notar ainda que os diálogos também podem ser observados pela perspectiva da Estilística, área de estudos da linguística que se baseia nas funções e traços que a linguagem pode trazer, bem como pela corrente de pesquisa denominada Sociocognitivismo, que verifica como os sujeitos se utilizam de textos para construírem a interação. Essa última corrente se relaciona à Análise do Discurso, pois ambas consideram o texto (oral ou escrito) com grande carga de informatividade.

A partir dessas considerações, nosso trabalho, metodologicamente, adotará a pesquisa interpretativo-qualitativa, na qual recorreremos à novela *Bóris e Dóris*, e nos utilizaremos de seus diálogos para analisar seus discursos e recursos linguísticos utilizados em sua construção para que assim possamos responder o questionamento inicial.

A pesquisa interpretativa se dá pela interação do pesquisador com o objeto observado e a pesquisa qualitativa trabalha com opiniões e com a subjetividade do investigador. Dito isto, o método interpretativo-qualitativo acontece quando há um processo interpretativo no momento em que o pesquisador investiga o objeto. Esse caminho requer muito tempo de pesquisa e grande variedade de dados a serem analisados. Também dá ênfase para o processo de construção ao invés do produto pronto.

Esse modo de pesquisa tem como características: a relação direta com os dados de análise, o pesquisador como instrumento indispensável, a descrição e o fato de ser indutivo, ou seja, o pesquisador não levanta hipóteses, mas usa sua subjetividade e sua visão pessoal para fazer seu estudo.

Sabendo que nosso objeto de pesquisa dá-se em diálogos, este trabalho tem como objetivo geral verificar como estão construídos os diálogos em *Bóris e Dóris*, de Luiz Vilela, e tem como objetivos específicos: identificar os conhecimentos anônimos (interdiscursos) que aparecem na novela, estabelecer relações entre diálogo e interdiscurso e aproximar os campos de conhecimento da estilística, do sociocognitivismo e da Análise do Discurso.

Ao pensarmos nesse tema, sua relevância se aplica não apenas a textos de dimensão referencial (jurídico, político, jornalístico, religioso etc.), mas também, e principalmente, a textos literários, cujos interdiscursos influenciam o sujeito em seu imaginário. Conseqüentemente, os diálogos, em geral, carregam ideologias e formações discursivas notadas atentamente pelos estudos na Análise do Discurso. Esperamos alcançar a meta de entender como os diálogos entre *Bóris e Dóris* se constituem através de saberes e memórias anônimas.

Nosso estudo está dividido da seguinte forma: no primeiro capítulo, intitulado “Concepção de interdiscurso”, traremos primeiramente uma perspectiva histórica da Análise do Discurso: seu surgimento, suas ideias defendidas, seus principais conceitos norteadores e os teóricos que trabalham na área. Traremos, em seguida, a noção de interdiscurso, termo que será bastante focado no trabalho, e os diferenciaremos com o intertexto, pois este último dá-se de forma explícita e o outro implicitamente. Por fim, levantaremos a visão teórica que o Sociocognitivismo traz no tocante a saberes e memórias.

No segundo capítulo, traremos a definição de Estilística, área de estudos que observa a língua e suas funções por meio dos elementos que a constituem. Diferenciaremos a estilística linguística (descritiva) da estilística literária (idealista), sendo a primeira voltada para os recursos linguísticos usados no texto e a segunda voltada para aspectos mais internos, e apresentaremos como as duas interferem no nosso objeto de investigação.

O terceiro capítulo vai descrever que passos e caminhos metodológicos que escolhemos para a concretização desta pesquisa, com a especificação dos procedimentos analíticos do estudo.

O último capítulo é o da análise propriamente dita, na qual veremos a relação dialógico-interdiscursiva em *Bóris e Dóris*. Nele, veremos como o estilo se fez constituído através de diversas formas, principalmente em diálogos. Observaremos os interdiscursos que a novela traz e explicaremos como eles se inserirem no diálogo. Também ressaltaremos como os recursos sociocognitivos auxiliam na construção dos diálogos.

Para esta pesquisa, além do *corpus* de análise, nos fundamentaremos em Pêcheux (1988, 1990), Brandão (1991), Orlandi (1942, 1999 e 2001), Cardoso (1999), Grigoletto (2002), Dantas (2007), Courtine (2009), dentre outros, no que se refere à Análise do Discurso, também em Jubran e Koch (2006) e Castilho (2010) nos estudos sociocognitivos e em Melo (1976), Câmara Júnior (1978), Martins (1989) e Monteiro (1991), teóricos que abordam a estilística.

1- CONCEPÇÃO DE INTERDISCURSO

1.1- A visão teórica da Análise do Discurso

A Análise do Discurso (doravante AD) é uma teoria linguística surgida na década de 60, que consiste na análise de textos para que se possa compreender as construções ideológicas trazidas por meio deles. Com ela, há a possibilidade de percepção do que não está explícito, ou seja, a AD é uma ciência que estuda as entrelinhas ligando sempre a linguagem e a exterioridade, sendo o discurso a reflexão desta última. Tal linha de estudos dá-se, então, pela união língua-sujeito-exterioridade e, levando em consideração o caráter político da análise do discurso, ainda teríamos o marxismo, trazendo a concepção de ideologia, acrescentado a essa união. Como bem explicitou Orlandi (1996, p. 25), “a AD trabalha no entremeio, fazendo uma ligação, mostrando que não há separação estanque entre a linguagem e sua exterioridade constitutiva”.

Segundo Brandão (1991), o marco inicial para o seu nascimento foi o trabalho de Zellig Harris, que propunha uma análise para além dos estudos dos formalistas russos e que mostrava que podia se estudar o texto além sua estrutura, ou seja, que abrangesse mais do que somente frases e textos.

Com os estudos em andamento, a teoria do discurso foi se desenvolvendo e chegou a duas direções: a análise do discurso americana e a análise do discurso europeia. Ainda de acordo com a autora (op. cit., p. 16), a primeira, defendida por Harris, consiste na extensão da linguística, que considera os elementos de organização textual. A análise do discurso americana “justifica-se pelo fato de nela se considerarem frase e texto como elementos isomórficos com análises diferenciando apenas em graus de complexidade” e a segunda, amparada por Benveniste, é definida inicialmente como “o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado, se apoiando sobre os conceitos e métodos da Linguística” (Idem, p. 17), isto é, ela está voltada para o dizer e as condições do dizer, sendo a exterioridade marca fundamental.

Surgem, com o decorrer das pesquisas, dois termos que serão os centrais para a AD de linha francesa: formações ideológicas, conceituado por Althusser, e formações discursivas, por Foucault. Os dois teóricos influenciaram Michel Pêcheux.

Michel Pêcheux foi quem inaugurou na França, em 1969, os estudos do discurso e de

todos os conceitos que o abarcam. Ele também apresentou as três fases da então conhecida análise automática do discurso (AAD-69). Para Grigoletto (2002, *passim*), a primeira fase rompia com a ideia de a linguagem ser apenas objeto de comunicação e estabeleceu relações entre o linguístico e o histórico-social e o discurso e sentido (um discurso remetendo a outro(s)). A primeira fase trazia a ideia de apenas uma máquina discursiva, em que somente um discurso, dentre muitos que o texto traz, é analisado, procurando, segundo a autora, “suprimir toda forma de heterogeneidade” (p. 26), priorizando a “homogeneidade enunciativa das sequências analisadas” (p. 28). Na segunda fase, as pesquisas estavam mais estruturadas e conceitos como formação discursiva e interdiscurso surgiram e se estabeleceram no campo teórico da AD. Na terceira fase, abriu-se espaço para a interdisciplinaridade, em que o discurso começa a ter relações com as áreas da linguística, da história e da psicanálise. Surge também o conceito de intradiscurso. Cada fase teve sua importância nos estudos do discurso, sendo que uma não eliminava a outra, pelo contrário, elas se completavam.

A partir da publicação de Pêcheux, nos anos 60, ‘*Análise Automática do Discurso*’, enfocando suas pesquisas na área, vieram à tona vários conceitos que também foram estudados e definidos por diversos autores, como, por exemplo, *língua, historicidade, ideologia, formação discursiva, condições de produção, sujeito, enunciado, discurso*, dentre outros, que começam a ganhar espaço nos estudos da época. Alguns desses conceitos serão citados aqui neste trabalho, por isso, a seguir, vamos abordá-los brevemente.

Duas concepções que abrangem a AD dizem respeito à diferença entre *discurso* e *texto*. O primeiro, conforme Foucault (1969, apud CARDOSO, 1999, p. 35), é “um conjunto de enunciados que derivam de uma mesma formação discursiva”, sendo os enunciados as unidades linguísticas tidas como produtos da enunciação e formação discursiva sendo a prática discursiva de todo e qualquer sujeito participante do discurso (lugar de significação onde o discurso faz sentido). Assim, o discurso é visto então como o abstrato, o objeto social (segundo Orlandi, 1996), o meio que se torna material por meio de palavras, enunciados, frases e textos. Ele transpassa e atravessa o texto.

Em relação ao texto, há quem o veja apenas como uma unidade fechada de estrutura definida (com início, meio e fim) e com a presença de outros elementos característicos como, por exemplo, grafia, letra e imagem. Observando com base na linguística textual, tal conceito não está equivocado, mas se levarmos em consideração o que diz a AD, há outras considerações teóricas a serem acrescentadas.

A Análise do Discurso considera o texto como seu principal objeto, estando ele definido como “unidade primeira” (M.A.K. Halliday 1976 apud Orlandi, 1996, p. 52). Ele é o

discurso tomando forma e tornando-se matéria. Enquanto objeto e concretização, o texto produz e traz sentidos de múltiplas formas, pois é por meio dele que a linguagem é atravessada pela materialidade histórica e social e pelas construções ideológicas que existiam na época de sua elaboração. Os discursos se dispersam através dos textos tanto orais como escritos.

Texto e discurso são integrantes principais de estudos da AD e, segundo Dantas (2007, p.89), se constituem de diversas maneiras: um único discurso pode aparecer por meio de diversos textos, vários textos diferentes podem apresentar apenas um discurso e num único texto podem surgir diversos discursos diferentes.

Como o texto é tido como um elemento sócio-histórico, ele traz consigo, dentre outras coisas, o social, a materialidade, a formação discursiva, a situação de produção e a ideologia do sujeito que se constrói por meio dele. É através do texto, de qualquer forma e tamanho, seja oral ou escrito, que o sujeito toma para si o que sua formação discursiva defende. Ele não é apenas um produto linguístico, mas também um processo discursivo.

Ainda para Orlandi (1996), na AD, o texto apresenta algumas características: tais como pluralidade e incompletude (pois não é fechado, sempre fazendo conexão com outros textos), textualidade, heterogeneidade (atravessado por discursos) e historicidade (produzindo sentidos).

Outras concepções apresentadas pela AD são as noções de *enunciado* e *enunciação*. O enunciado é um conceito elaborado por Foucault e é o elemento que gera o discurso. Ele é a concretude linguística produzida pela enunciação e tem estreita ligação com as condições em que são produzidos e com os novos enunciados que vão precedê-lo. Uma de suas características mais peculiares, conforme explica Cardoso (1999), é o fato de ser aberto à repetição, isto é, eles podem se repetir por meio de recursos como a paráfrase ou podem trazer outros sentidos (caráter polissêmico) dependendo do lugar onde é inserido. Com a repetição, um novo olhar se coloca sobre o enunciado, pois estará inserido em outro contexto social, num outro momento histórico e com sujeitos diferentes.

Mais uma propriedade do enunciado está na ideia de que ele só faz sentido porque tem relação com uma formação discursiva. Segundo Cardoso (Idem, p. 37), “o enunciado sempre se refere à sua formação discursiva. Quando se diz, por exemplo, que “*lugar de mulher é na cozinha*” está-se verbalizando um enunciado pertencente na formação do discurso machista”.

Quando se fala em enunciação, Cardoso (op. cit., p. 38) explica que ela está inseparavelmente associada ao enunciado. É o ato de produzir os enunciados considerados como social e irrepitível (diferente do enunciado). A cada momento que produzimos, repetimos, bem como nos posicionamos a partir de enunciados, estamos gerando uma nova

enunciação.

A AD enfoca a *formação discursiva*, lugar em que o sujeito está inserido. Trata-se de um ambiente que orienta o que o sujeito pode e deve fazer no meio social em diversos contextos. Ela tem relação direta com as formações ideológicas. Para Brandão (1991, p. 38), “são as formações discursivas que, em uma formação ideológica específica e levando em conta uma relação de classe, determinam “o que deve ser dito” a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada”, ou seja, as formações discursivas, atreladas às formações ideológicas (ideologias) orientam o sujeito que nelas está inserido, influenciando-o na forma de se posicionar no mundo. As formações discursivas têm aspectos religiosos, políticos, sociais e históricos que influenciam nas condições de produção do discurso.

As *condições de produção* (também CP) remetem às situações sociais e históricas das formações discursivas e ideológicas que constituem o sujeito ao enunciar um discurso. É o lugar onde o sujeito se encontra no momento em que constrói o texto. Conforme Brandão (1991, p. 23), as condições de produção dizem respeito “à situação de enunciação que compreende o eu-aqui-agora; num sentido mais amplo, compreende o contexto sócio-histórico-ideológico que envolve os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do objeto que estão tratando”.

A noção de *sujeito* também deve ser aqui esclarecida, visto que será muito abordada no decorrer desta pesquisa, também porque é o sujeito quem se constitui como o detentor do discurso. Antes de prosseguir, há que se deixar claro a diferença existente entre indivíduo e sujeito. O primeiro refere-se a nós mesmos enquanto pessoas físicas que apresentam traços específicos como pessoas como, por exemplo, nome, endereço, RG e CPF. Já o segundo é chamado de sujeito ideológico, que carrega em si sua formação discursiva (lugar de significação) e envolve a relação com as ideologias. É ele quem leva os discursos e que, de acordo com Dantas (2007, p. 66), “é o resultado de duas evidências: o efeito de que o que eu digo é meu mesmo e o efeito de que o que eu digo tem um sentido”.

Há outros termos e ideias introduzidos na Análise do Discurso, mas os que citamos são noções centrais e indispensáveis que permeiam este trabalho. O derradeiro conceito a ser exposto, o de *interdiscursividade*, será aprofundado a seguir, uma vez que precisaremos delimitar com mais precisão e cuidado, pois trata-se de um dos conceitos-chave abordados na nossa pesquisa.

1.2- O interdiscurso

A cada momento em que enunciamos, seja oralmente ou de forma escrita, ou no momento em que o outro exterioriza suas ideias, vários discursos vêm à tona, discursos estes que o sujeito toma para si como sendo seus, revelando que formação discursiva (lugar onde está inserido) ele defende. Tudo isso é perceptível graças aos sentidos constituídos no discurso, o qual chamamos de interdiscurso.

O interdiscurso tem a propriedade de trazer efeitos de sentido já ditos antes, em outros lugares, de outros sujeitos e em outras situações comunicativas. É também a partir dele que temos a ideia de que nada do que é dito é novo, tudo o que é e foi dito já possui um significado.

É o interdiscurso que carrega toda a materialidade histórica de um lugar e se realiza por meio da linguagem. Ainda podemos defini-lo como toda a informação externa provinda de uma formação discursiva que se concretiza no texto de forma implícita. Consiste nos sentidos que falam por nós. Conforme Grigoletto (2002, p. 34), “o interdiscurso é o domínio do dizível que constitui as formações discursivas. Ou seja, o que pode ser dito em cada formação discursiva depende daquilo que é ideologicamente formulável no espaço do interdiscurso. A ele se liga o pré-construído”.

Falando em pré-construído, ele se consolida através das expressões que usamos cotidianamente. São enunciados que para nós não nos é estranho, que falamos com familiaridade, mas que não conhecemos sua origem. Mesmo sendo algo habitual, sempre produz efeitos de sentidos diferentes dependendo do lugar da enunciação (contexto) em que se encontra. Vale salientar que, como o pré-construído é algo familiar, já existente, o sujeito que o utiliza não tem responsabilidade sobre ele, visto que ele é resultado proveniente de outras condições de produção (Dantas 2007 p. 43). O pré-construído seria então construções oracionais voltadas para o campo linguístico e sintático.

O interdiscurso é denominado por muitos estudiosos como a *memória dizível*, *memória do dizer* ou ainda *memória discursiva*, isto porque ele vem de discursos já ditos e esquecidos e que precisam desse esquecimento, dessa perda do lugar de origem, para que possam fazer sentido novamente em outras situações.

Para Orlandi,

o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido, é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por

um sujeito específico, em um momento particular se apague da memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras. (ORLANDI, 1999, p. 33)

O interdiscurso é a materialidade histórica, a carga externa social que, de forma subjacente, aparece nas enunciações dos sujeitos vindos das formações discursivas em que estão inseridos. Dantas (2007, p. 22) reitera que “interdiscurso são os dizeres dos outros que atravessam o discurso de quem fala ou escreve num determinado instante da enunciação”. Ou seja, são os dizeres dos outros em outros dizeres.

Diferentemente do interdiscurso, que é aquilo que foi falado antes, o já-dito, o esquecido e que é interpelado pela materialidade histórica, também denominado como memória discursiva, há na Análise do Discurso outro termo que contrasta com este primeiro que é o conceito de *Intradiscurso*.

Desenvolvido nos anos 80, o intradiscurso é definido como aquilo que se está dizendo no momento, no agora da enunciação, dependendo da condição permitida. As duas noções (interdiscurso e intradiscurso) se relacionam entre si e de forma dicotômica se completam, segundo Courtine (1984 apud ORLANDI, 1999, p. 32) uma de forma vertical (interdiscurso), que constitui os sentidos e a outra no eixo horizontal (intradiscurso), visto que participa da formulação do sentido.

O intradiscurso ocupa-se com a formulação dos sentidos enquanto o interdiscurso com sua constituição. O interdiscurso está para o já-dito e o intradiscurso está para a concretização dos sentidos. É o que faz sentido enquanto o sujeito ideológico está dizendo no momento da enunciação, a concretização do interdiscurso.

Para Dantas,

sempre que nos dispomos a escrever, ou mesmo a falar, encontramos-nos em situações que exigem formulações diferentes daquelas que pretendíamos: uma palavra imprópria, um enunciado que não diz o que a gente quer dizer, outros sentidos que irrompem no dito... sempre que nos deparamos com essas situações, estamos expostos ao espaço da enunciação, ao modo como nós dizemos o mundo. Pêcheux denomina esse fenômeno de intradiscurso. (DANTAS, 2007, p.79-80)

Então, intradiscurso é a carga material social, história, ideológica que marcado linguisticamente complementa o interdiscurso. Ele é o discurso enquanto estrutura linguística.

Orlandi (1999) ainda trata em seu texto que, na AD, os discursos acontecem no espaço entre a *paráfrase* e a *polissemia*. No interdiscurso, ocorre a relação parafrástica porque representa o mesmo dito de outra forma e é isso que o discurso faz: remete ao já-dito de forma

a permanecer o mesmo sentido. Já o intradiscorso trabalha com a relação polissêmica, pois adquire significado com a polissemia, com efeito do sentido diferente do que já foi dito. É o que se está a dizer.

Nossa linguagem é parafrástica, nela há várias maneiras de fazer sentido. Há também na língua, algumas formas linguísticas que, sozinhas, produzem múltiplos sentidos, esse é o caráter polissêmico da língua. No caráter polissêmico, uma única forma gera muitos sentidos e no segundo, nós dizemos o que o outro já disse, repetimos o que já foi dito. Tudo que falamos não é nosso, ou seja, nada do que o sujeito diz tem origem nele.

Os dois conceitos (paráfrase e polissemia) têm a ver com um processo que na AD é chamado de *Esquecimento*, um fato linguístico comum que ocorre quando enunciamos. Nós, enquanto sujeitos do discurso, possuímos esses esquecimentos.

Há dois esquecimentos: O primeiro (esquecimento nº1) diz respeito ao aspecto parafrástico da linguagem e remete a aquilo que veio antes e que nós, enquanto sujeitos, tomamos como nosso. Ocorre quando nós tomamos algo dito e redizemos, ou seja, acreditamos ser origem do que dizemos, mas não somos porque já tomamos o que já vem pronto e fazemos nosso por meio da paráfrase. A isso, Indursky e Ferreira (2005) pontuam que “pelo esquecimento nº 1 o sujeito tem a ilusão de ser a origem dos sentidos e a zona de constituição é inacessível ao sujeito. [...] O esquecimento nº 1 coloca em relação famílias parafrástica constitutivas dos efeitos de sentido”.

O segundo esquecimento (nº 2) tem a ver com a polissemia. É o que diz respeito ao que dizemos que para nós tem sentido. Orlandi explica que:

este “esquecimento” produz em nós a impressão da realidade do pensamento. Essa impressão, que é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim. (ORLANDI, 1999, p.35)

Todo o enunciado é resultado de relações polissêmicas e parafrástica da língua e, com isso, podemos perceber que nada do que é dito é novo, como dissemos anteriormente. Esquecemos que a linguagem é polissêmica, ou seja, que possui muitas formas de produzir sentido e que uma só forma produz vários sentidos.

Paráfrase e polissemia são conceitos presentes tanto no interdiscurso, dado que este é um já-dito que foi esquecido e que fez sentido ao dizer novamente, quanto no intertexto, em que os textos conversam.

1.2.1- Distinção entre interdiscurso e intertexto

O já-dito pode ser reunido ou reinventado na forma de se construir um discurso diferente, mas não inédito porque, como abordamos, no tópico anterior, nem tudo que nós, sujeitos, enunciamos é original. Então, os já-ditos são resgatados para fazer sentido novamente e isso pode ocorrer de várias maneiras como, por exemplo, por meio da interdiscursividade e da intertextualidade que, mesmo aparentando ter o mesmo sentido, se tornam contrárias no momento em que a primeira ocorre de forma implícita nos discursos e a segunda ocorre de forma a remeter a outros textos.

Orlandi traz a diferenciação dos dois conceitos, em que

o interdiscurso é da ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer, enquanto o intertexto restringe-se à relação de um texto com outros textos. Nessa relação, a intertextual, o esquecimento não é estruturante, como é para o interdiscurso. (ORLANDI, 1999, p. 34)

É como se o interdiscurso se comportasse de maneira a abranger o histórico e o social de forma implícita não tão perceptível, necessitando de uma análise mais aprofundada. É algo interno e inerente ao discurso, como uma conversa entre os discursos. Já o intertexto vem referir-se a outros textos e não a outros discursos (o sócio-histórico), como é o caso do interdiscurso.

Como a autora explicitou acima, o interdiscurso se manifesta pelo esquecimento, uma propriedade em que o sujeito leva em conta duas evidências: a de que o sentido provém dele como fonte primária e a evidência de que o que ele diz tem sentido (Orlandi 1999).

De acordo com o que já vimos, os discursos se relacionam com seus interdiscursos, o que Brandão (1991) chama de *Outro*. A partir do momento em que ocorre essa relação, surge também a noção de intertextualidade, dado que é no texto que os discursos e interdiscursos acontecem. Em *Introdução à Análise do Discurso*, Maingueneau (1984 apud BRANDÃO, 1991, p.76), reitera a noção de intertextualidade na qual considera duas noções básicas: “um intertexto de um discurso compreendido como o conjunto dos fragmentos que ele cita efetivamente e intertextualidade, que abrangeria os tipos de relações intertextuais definidas como legítimas que uma formação discursiva mantém com outras”. Isso significa dizer que existem intertextos que se relacionam com textos e com discursos e esses intertextos dos discursos trazem em si relações entre as formações discursivas de cada um, formando assim a

noção de intertextualidade.

O termo *intertextualidade* foi criado pelo linguista Gerard Genette e mais tarde difundido pela crítica literária Júlia Kristeva nos anos 1960, levando em consideração os princípios bakhtinianos de que um texto não é uma estrutura isolada, mas uma porta de entrada para inserção de outros textos. Assim, um texto possui, entre tantas características, a capacidade de conversar com outros textos.

Para que entendêssemos o texto, a maior unidade do nosso sistema linguístico, como a peça central onde ocorre o fenômeno da intertextualidade, precisamos levar em consideração os quatro momentos pelos quais ele passou. Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2007, *passim*), os conceitos e as ideias a respeito do texto enquanto unidade sofreram alterações desde a década de 60, onde surgiu o termo. De início, o texto era tido apenas como uma unidade abstrata. Depois (anos 70), houve a “*virada pragmática*” e ampliou-se o conceito de texto, dando assim outra característica: possuir funções. Tempos depois, com os estudos mais avançados, considerou-se o texto como um ato de comunicação. Surgiu também a ideia de cognição, de coesão e coerência e o texto foi classificado como um ato de comunicação. Por fim, nos anos 90, adotou-se à noção de texto o sociocognitivismo e o interacionismo, sendo o texto um lugar de significação.

O intertexto consiste na interação entre textos, os quais eles fazem referência a outros de forma implícita ou explícita. Kristeva acreditava que o texto se constituía como um mosaico de citações, ou seja, ele pode trazer outros textos em seu interior de forma dialógica.

A Análise do Discurso também leva em consideração todos esses pressupostos, pois defende que um discurso sempre remete a outro(s) discursos, mas busca apoio a partir de outras perspectivas teóricas.

Em *Intertextualidade: diálogos possíveis*, Koch, Bentes e Cavalcante (*idem*) trazem a noção de intertextualidade *stricto sensu* que “ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores” (p. 17) e ainda apresentam os quatro tipos de intertextualidade: *temática, estilística, explícita e implícita*.

Para elas, a intertextualidade temática é constante em textos de mesmo conteúdo temático. A intertextualidade estilística consiste em utilizar o texto igual ou parodiado e ocorre quando se utiliza o estilo de um autor (suas palavras, frases e particularidades linguísticas) em outros textos. A intertextualidade explícita se dá quando o texto traz uma referência citando a fonte de origem desse outro texto e a implícita quando não há essa citação da origem, cabendo ao interlocutor reconhecer o intertexto através de sua memória discursiva.

As autoras ainda trazem as noções de *intertextualidade intergenérica* e *intertextualidade tipológica*. A primeira ocorre quando um gênero textual exerce a função de outro e a segunda quando conseguimos identificar texto(s) dentro de outro(s).

Sendo o texto um lugar de interações dos indivíduos enquanto sujeitos do discurso, há que se discutir aqui a importância do Sociocognitivismo, corrente de pesquisa que estuda de que maneira o ser humano absorve e transmite informações.

1.3- A visão teórica do Sociocognitivismo

A AD toma o texto como objeto de estudo. O discurso, por sua vez, se materializa por meio do texto, ou seja, este é uma materialidade discursiva. Enquanto objeto da linguística textual, o texto é construído através de elementos linguísticos e estruturais que são escolhidos pelo sujeito para transmitir informação, possibilitando assim a comunicação. Aqui, então ocorre o Sociocognitivismo.

Os conceitos citados anteriormente (sujeito, condições de produção, texto escrito e falado, materialidade linguística, dentre outros) são também utilizados pelo Sociocognitivismo, pois ele visa a comunicação, o expressar de ideias e, dessa forma, se aproxima da Análise do Discurso porque o texto (oral ou escrito) também possui essa carga comunicativa, trazendo à tona as construções ideológicas presentes nele.

Para o Sociocognitivismo, qualquer comunicação (seja oral ou escrita) é válida porque todas elas trazem informações necessárias aos interlocutores.

Enquanto estudo de comunicação, tal linha de estudos considera, segundo Castilho (2010, *passim*), alguns princípios que veremos a seguir.

O *postulado 1* defende que a língua se fundamenta num aparato cognitivo. Toda língua possui categorias cognitivas de pessoa, coisa, tempo, espaço, movimento, por exemplo. Assim, através da linguagem, essas categorias ajudam a situar o falante em relação às informações externas. Nesse tópico, o autor fala também de nosso sistema de comunicação que se encontra dividido em classes (ou categorias) de palavras.

No *postulado 2*, a língua é uma competência comunicativa. Aqui, há a questão dos usos da língua (pragmática): transmitir informações, sentimentos e regras. Nesse ponto, entram os estudos funcionalistas, que levam em consideração a língua enquanto objeto social de uso com função comunicativa.

O *postulado 3* traz a ideia de que as estruturas linguísticas não são objetos autônomos. Castilho (op. cit. p. 73) observa que as estruturas linguísticas são flexíveis, permeáveis ao uso, são dinâmicas e sujeitas a reelaborações e não são totalmente arbitrárias.

Para o *postulado 4*, as estruturas linguísticas são multissistêmicas. A língua enquanto processo pode ser articulada em quatro domínios: lexicalização, discursivização, semanticização e gramaticalização. Enquanto produto, é um conjunto de sistemas: léxico, discurso, semântica e gramática. (Idem., p. 77). Esse postulado completa o anterior que mostra que a língua não é solta, mas está inserida em vários sistemas.

No *postulado 5*, a língua é pancrônica. A língua, nesse caso, é sincrônica e diacrônica, isto é, ela pertence a todos os tempos, mesmo evoluindo num dado momento.

Por fim, o *postulado 6* defende que um dispositivo sociocognitivo ordena os sistemas linguísticos. O processo de produzir linguagem por meio do léxico ativa o dispositivo sociocognitivo que faz com que o interlocutor, no âmbito falado principalmente (visto que na forma escrita o interlocutor tem mais cuidado por se tratar de um ato comunicativo mais elaborado), desperte os processos de *ativação, reativação e desativação*.

Em conformidade com o autor estudado, o processo de ativação ocorre quando o falante se comunica com seu interlocutor em uma dada conversa, daí, ativa uma ideia, essa ideia passa pelo aparelho fonador e transmite o que quer dizer; a reativação é o processo de corrigir os erros que o falante emite, como um replanejamento do que já foi dito e, por fim, a desativação é o abandono de alguns termos, que acontece quando deixamos de lado alguma expressão (Idem, passim).

Nos estudos sociocognitivistas, o texto é tido como elemento chave, pois é ele quem leva e traz os conteúdos necessários para a conversação. Ele é o meio de interação entre dois ou mais interlocutores e pode se apresentar de duas formas: escrito e falado, ambos produzidos pelos falantes.

De acordo com Koch (2006), o texto escrito é caracterizado como sendo mais bem elaborado, pelo fato de o falante ter mais tempo para sua elaboração, e a interação não ocorre face-a-face, porque, em geral, os falantes estão distantes. Enquanto falado, o texto tem a característica de ser interacional e o fato de conter dialogicidade, ou seja, o revezamento dos turnos de fala, e segundo a autora (idem, p. 40), “ocorre uma interlocução ativa, que implica um processo de co-autoria, refletido, na materialidade linguística, por marcas da produção verbal conjunta”. Isso quer dizer que os falantes podem se ajudar completando a fala durante a construção da conversa.

Ainda de acordo com Koch (op. cit., p. 44), fala e escrita apresentam algumas

diferenças. Sendo assim, ela estabelece uma tabela comparativa:

FALA	ESCRITA
Contextualizada	Descontextualizada
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não planejada	Planejada
Predominância do <i>modus</i> pragmático	Predominância do <i>modus</i> sintático
Fragmentada	Não fragmentada
Incompleta	Completa
Pouco elaborada	Elaborada
Pouca densidade informacional	Densidade informacional
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	Predominância de frases complexas, com subordinação abundante
Pequena frequência de passivas	Emprego de passivas
Poucas nominalizações	Abundância de nominalizações
Menor densidade lexical	Maior densidade lexical

Tabela retirada de Koch (2006, p. 44. Adaptada)

Vendo dessa maneira, parece que o texto falado é um misto de confusão, o que não é verdade: ele contém estrutura, sintaxe e modos diferentes, mas próprios. Através da teoria sociocognitivista, por exemplo, percebeu-se que nos atos de fala, alguns recursos são detectados, como a *hesitação* e a *interrupção*, noções abordadas por Marcuschi (2006).

Segundo o autor (op. cit.), a hesitação é uma ação que ocorre no processamento das informações recebidas durante o diálogo entre os falantes. É uma pressão que ocorre para os interlocutores se posicionarem em relação ao assunto que estão falando. Nesse caso, podem acontecer erros de posicionamento e o locutor refaça o que verbalizou.

O mesmo autor aponta para os aspectos formais da hesitação: pausas prolongadas e alongamento vocálico; expressões como *éh, ah, ahn, mm*; alguns artigos, preposições e conjunções; substantivos, advérbios, adjetivos, verbos; marcadores discursivos acumulados, como *sei lá, quer dizer sabe, então né, ah*; fragmentos lexicais; palavras iniciadas e não

concluídas. São elementos que, em geral, o falante usa quando está processando ou pensando no que vai dizer ou reagir em relação à informação que recebeu (op. cit., 2006, passim).

Ainda em conformidade com Marcuschi (idem, passim.), a interrupção surge quando, num diálogo, o locutor deixa alguns vazios na sua fala. Encontra-se na maior parte no nível sintático. Ela ocorre por meio de dois casos: pelo *corte* e pela *retomada*. No corte, o emissor pode deixar um vazio, uma pausa em algumas palavras (corte lexical) ou em orações completas (cortes sintáticos). Já a retomada, que é a continuação do que foi pausado através do fenômeno da repetição, pode ocorrer no nível sintático ou lexical ou semântico.

Além do que foi mencionado acima, há mais um paralelo do Sociocognitivismo com a Análise do Discurso na noção de *referenciação*, conceito abordado por Marcuschi e Koch (2006) que designa não somente a ligação entre linguagem e mundo (o externo), mas a utilização de termos do discurso (referentes) que servem de referência, numa dada situação discursiva, às formações discursivas e condições de produção. Tais termos são chamados de objetos do discurso.

A partir dessa ideia, vemos que a referenciação acarreta que pensemos na língua não apenas no nível da palavra ou da informação, mas uma percepção de língua que traga o real para o discurso. Como nos aponta os autores acima,

a língua não é um simples instrumento de transmissão de informação. A discursivização ou textualização do mundo por via da linguagem não se dá como um simples processo de elaboração informacional, mas de construção, estruturação e fundação do próprio real. (MARCUSCHI E KOCH, 2006, p. 382)

A referenciação sempre será um recurso que o sujeito vai utilizar em seu discurso, pois a cada discurso proferido, a memória compartilhada, o já-dito que estavam esquecidos vão tornar a ser referenciados, fazendo sentido mais uma vez, porém em situações, contextos e com sujeitos diferentes.

Os autores ainda diferenciam a noção de referenciação da noção de *remissão* (remeter) e *retomar* (retomada), processos ocorridos no texto que são muitas vezes confundidos entre si, sendo, em algumas situações, utilizados um em lugar do outro:

Sucintamente: referir é uma atividade de designação realizável com a língua sem implicar uma relação especular língua-mundo; remeter é uma atividade de processamento indicial na cotextualidade; retomar é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não. (MARCUSCHI E KOCH, 2006, p. 383)

A retomada seria trazer de volta algo que foi dito e está no texto de forma perceptível, a remissão requer nossa capacidade cognitiva e o conhecimento exterior de mundo para aludir a algum elemento que pode ou não estar no texto e, com ele, dar novo referente ao texto.

Todos esses movimentos são de processos textuais. Com isso, nota-se que um texto se constrói com elementos que adicionam e retomam informação. A esses elementos, os autores dão o nome de *projetivo*, representado pela catáfora, que se volta ao que ainda vai ser enunciado, e *retrospectivo*, retratado pela anáfora, que volta para a informação já dada.

Enquanto propriedade do texto, a referenciação se dá por meio de estratégias de progressão apresentadas por Marcuschi e Koch (2006, *passim*). São elas: *descrição definida*, *nominalização*, *pronominalização* e *associação*. A descrição definida se dá quando utilizamos o mesmo referente com variedades de definições para se construir novas características a esse referente, dando continuidade às informações emitidas. A nominalização ocorre mais no âmbito escrito, e é um processo em que se usa um sintagma nominal para referir-se a algo proposto anteriormente. Em alguns momentos (mas nem sempre), se originam de sintagmas verbais. A pronominalização é o uso de pronomes para referenciar e a associação é o encadeamento de elementos lexicais que se articulam permitindo a progressão referencial.

Através das pesquisas sociocognitivas, Fávero, Andrade e Aquino (2006) apontam que em situações conversacionais, detectou-se a presença de um fenômeno conhecido como *par dialógico P-R*, um esquema organizacional do discurso, onde P remete à *pergunta* que, em muitas vezes, pode iniciar um tópico discursivo e R a *resposta*, que pode dar continuidade ao discurso, constituindo assim uma das perspectivas da linguagem: a interação. A esse par, outras competências podem ser adicionadas, são elas: o *segmento* (S), reação do interlocutor que pode seguir uma resposta e o *início* (I), uma consideração ou uma afirmação (não-pergunta) feita pelo locutor que pede um retorno do interlocutor.

A pergunta apresenta alguns aspectos que a difere da resposta. Ela depende de uma situação contextual, de marcas lexicais, de mudanças na estrutura sintática, mas não precisa ser necessariamente uma pergunta - como é o exemplo de *pergunta de entonação descendente* (que ocorre quando a pergunta é um ato indireto), basta ser um estímulo para o outro (pessoa a quem se dirige o diálogo) se pronuncie. A pergunta também, em alguns momentos, pode se portar como uma resposta, nesse caso, deve-se estar atento ao contexto e ao diálogo (Fávero, Andrade e Aquino 2006, p. 135).

Segundo os autores, o esquema de perguntas e respostas pode gerar um vínculo ou dependência, chamado por eles de *circularidade*, mas nem sempre isso vai ocorrer, pois depende de como os falantes escolhem sua organização. Para eles, “não há uma certa

determinação lógica na ordenação do par P-R”. (Fávero, Andrade e Aquino, 2006, p. 138). Ou seja, os falantes é quem vão escolher como organizar o par P-R no diálogo e há muitas possibilidades de escolha: *discurso direto pergunta e resposta*, mesmo essa última sendo não verbal; *trocas justapostas* em que há a presença de várias perguntas e respostas que poderiam ser resumidas em apenas uma para não prolongar a conversa; *par encaixado*, que a inserção de um par PR² entre o par PR¹; *pares justapostos com duas respostas à mesma pergunta*; *sequências com perguntas e ou respostas elípticas*, que ocorre quando a resposta da pergunta fica anulada e o interlocutor dá a resposta de forma implícita; *sequência de perguntas*, que se dá quando os interlocutores interagem apenas com perguntas; e por fim *sequências que envolvem segmentos digressivos*, resultado da mudança do foco inicial dos falantes, precisando retornar a ele. (Idem, passim)

Além de uma organização, os autores mostram ainda que perguntas e respostas apresentam tipologias quanto a *função na organização tópica* (desempenhando papel de introdução, continuidade, reintrodução e mudança de tópicos), quanto à *natureza do par dialógico* (Ps e Rs de cunho informativo, confirmativo ou de esclarecimento) e *quanto à estrutura* (fechada, aberta ou retórica). (Idem, passim)

Em relação às respostas (Rs), percebe-se também que o interlocutor, quando vai responder às perguntas do locutor, também encontra alternativas de respostas. Essas alternativas são conhecidas como *Condições de Satisfação*, que abrangem a manutenção do tópico (para evitar a fuga do tema principal entre falantes), o conteúdo proposicional (respostas semanticamente ligadas às perguntas), a função ilocucionária e a orientação argumentativa (as respostas precisam ter mesmo argumento que as perguntas). (Idem, passim)

Com isso, é perceptível que os atos comunicativos escritos e principalmente os falados possuem organização e, muitas vezes, até complexidade.

Outra unidade indispensável quando se refere à interação, especialmente a falada, é o *tópico discursivo* apresentada por Jubran (2006). Ele supera a ideia de ser apenas um segmento simples, pois é o princípio da análise textual-discursiva-interativa e permeia a conversação. Para a autora (op.cit, p. 91), “o tópico discursivo define-se como categoria abstrata e analítica, com a qual se opera na descrição da organização tópica de um texto”.

Tal unidade, segundo a autora (Idem, passim), se apresenta por meio de duas propriedades: pela *centração* e pela *organicidade*. Por meio da centração, que decorre com elementos que se relacionam para manter o sentido e o foco principal do diálogo, se abarca a *concernência*, a *relevância* e a *pontualização*. A organicidade, que dá conta da organização do tópico, se subdivide em dois planos: o *plano hierárquico* (vertical), que verifica o grau de

abrangência do assunto em mais ou menos abrangente, e o *plano linear* (horizontal), que se evidencia pela *continuidade* quando há diretamente abertura e fechamento de um tópico e *descontinuidade* quando ocorre, nos tópicos dialógicos, um corte sequencial decorrente de uma *ruptura*, de uma *cisão* (alternância ou inserção) ou de uma *expansão tópica*. A organicidade é constituída por meio do quadro tópico, que nos permite atentar para os dois planos.

No tópico discursivo ainda se fazem presentes as marcas linguístico-discursivas, elementos que configuram, segundo Jubran (op.cit, passim), a delimitação dos tópicos. São elas: *a entonação* (movimentos não-verbais, como expressões faciais e gestos), *os marcadores discursivos* (que promovem articulação entre os tópicos), *a tematização* (que delimita o tema do tópico), *a paráfrase* (recorrência das mesmas palavras), *as repetições* (recorrência de alguns sintagmas oracionais) e *a hesitação* (processamento textual).

Por esses e outros conceitos é que podemos refletir acerca da amigável relação entre a Análise do Discurso e o Sociocognitivismo, pois ambos consideram que o texto, oral ou escrito, tem alta carga informacional e é de total relevância para a interação, mesmo essas áreas de estudo abordando-o de maneiras diferentes.

2- CONCEPÇÃO DE ESTILO

2.1- A estilística

Na nossa língua, há alguns recursos utilizados que nos auxiliam a exprimir socialmente nossas ideias. Esses recursos são conhecidos como estilo e são investigados pela estilística.

Quando ouvimos a palavra *estilo*, vêm em mente uma generalização: algo sofisticado ou elegante. Também podemos lembrar de algum escritor ou artista que se utiliza de sua subjetividade para exteriorizar suas emoções e ideias. Podemos ainda remeter a uma determinada época que influencia nessa forma de exteriorizar.

Segundo Martins (1989, p. 1), originária da palavra latina ‘*stilus*’, que quer dizer um nome dado a um objeto pontiagudo utilizado para escrever em tabuinhas enceradas, passou-se a ser sinônimo de elegância e, hoje, adquire mais uma significação: trata-se de uma forma de expressão que interfere nas tendências e traços formais singulares de um autor ou artista.

Da palavra estilo, surgem várias outras derivações, dentre elas, *estilística*, conceito abordado na nossa pesquisa, que abarca, em língua portuguesa, âmbitos linguísticos e literários, visto que deles usamos elementos para dar beleza e individualidade para o texto oral ou escrito. São elementos escolhidos para melhor retratar o que o autor pensa e quer passar para seus leitores.

Estilo e estilística seriam, assim, recursos ou escolhas linguísticas utilizadas para manifestação de uma forma mais particular e expressiva, de forma que chame a atenção da pessoa a quem se dirige. Para Monteiro (1991, p. 10), teórico que abarca seus estudos na área da estilística, o estilo de uma língua é “definido como um repertório de propriedades ou procedimentos expressivos observáveis em quaisquer de seus níveis estruturais”.

Conforme Melo (1976, *passim*), em 1902, Charles Bally, discípulo de Saussure, criou a estilística, objetivando chamar atenção para os estudos que observam o lado emotivo que qualquer língua pode trazer. Em seu início, muitos foram os estudiosos que escreveram sobre essa nova ciência: em 52 anos, mais de duas mil publicações foram feitas com esse tema.

O autor (*idem*) aponta que, antes de ter o nome que conhecemos agora, a estilística era conhecida como Retórica, ciência da expressão que foi muito valorizada por medievais, renascentistas, romanos e gregos, que “preocupavam-se muito com a língua, não só em função dialogante e comunicante, mas também como instrumento e quase matéria do Belo literário”

(Melo 1976, p.18). Depois, ganhou notoriedade, foi esquecida e renasceu com o nome de Estilística anos depois.

A estilística, como defende o linguista Câmara Júnior (1978), tem relação com a concepção saussuriana da língua como algo que está para a comunicação, mas se distanciam quando ela, enquanto sistema, engloba o coletivo e a estilística foca no individual, a qual Saussure denomina de fala.

A língua para Saussure, é dividida nos eixos de língua e fala. A primeira tem caráter mais coletivo e traz noção de língua como sistema e a última engloba a personalidade individual de cada falante, pois a fala é mais particular de cada um e varia conforme alguns fatores. É aí então que esta última tem a ver com a estilística.

Karl Bühler (apud CÂMARA JÚNIOR, 1978, p. 10), linguista alemão, apresentou em alguns de seus estudos três funções da linguagem: *representação*, *expressão* e *apelo*, sendo a estilística centrada nas duas últimas, pois a expressão é uma forma de demonstrar sentimentos e o apelo é uma forma de influenciar os interlocutores. A estilística é muito próxima à linguagem no que se refere a essas funções e elas fazem parte de todos os tipos ou gêneros textuais, sejam orais ou escritos. A língua, no conceito de Saussure, tem o foco na representatividade porque tal função dá conta da língua enquanto sistema. Segundo Câmara Júnior (op. cit, p. 10), a língua “se deduz apenas da função representativa, pois compreende a estrutura, o esquema, o padrão ou a pauta que rege, em termos linguísticos, a nossa representação do mundo exterior e interior”.

Às três funções da linguagem de Bühler, Jakobson (apud MONTEIRO, 1991) acrescenta mais três: a *fática*, que verifica a eficiência da comunicação e o contato entre locutor e interlocutor; a *metalinguística*, que ocorre quando usamos a linguagem para falar da própria linguagem e a *poética*, que se preocupa em como transmitir a mensagem e assim foca nos aspectos emotivos, expressivos e criativos da linguagem. Essa última função era utilizada por Jakobson para se referir à Estilística. É válido ressaltar que num discurso não encontraremos apenas uma dessas funções, mas uma delas se tornará mais destacável nele.

Baseada no fato de a estilística manter-se conectada às funções de expressão e apelo, ela estabelece a comunicação de forma mais expressiva. Por isso, mediante essa consideração, Câmara Júnior (Idem, p. 15) aponta três tarefas da estilística:

- 1) caracterizar, de maneira ampla, uma personalidade, partindo de um estudo da linguagem;
- 2) isolar os traços do sistema linguísticos, que não são propriamente coletivos e concorrem para uma como que língua individual;
- 3) concatenar e interpretar os dados expressivos.

Por essas tarefas, a estilística vai atuar no campo da individualidade do sujeito, para a compreensão de seu idioleto (língua individual), a partir da interpretação dos recursos subjetivos da língua.

Monteiro (1991), que descreve a noção de estilo enquanto uma particularidade de quem expressa emoções e sentimentos, traz também considerações acerca da estilística que não se volta apenas para o discurso individual ou particular, mas como ciência que abrange o coletivo, o externo. Para ele,

se analisarmos bem, veremos que os valores propriamente individuais são extremamente raros, já que a expressão literária resulta de uma gama extensa de fatores ou condicionamentos culturais, como as influências do meio, da época, da estrutura linguística etc. (MONTEIRO, 1991, p. 9)

Seguindo essa colocação, a estilística dependeria não apenas de recursos internos como, por exemplo, as expressões do autor ou recursos linguísticos utilizados nos textos, mas depende de fatores externos que vão influenciar na construção da escrita.

Há ainda, segundo o autor, dois processos que abarcam a estilística: *conjunto de escolhas e afastamento (ou desvio)*, todos eles em relação à norma (os usos linguísticos da maioria dos falantes de uma língua). A norma seria a escolha do falante classificada como padrão e o desvio é a distância da norma linguística sendo usado para tornar o texto mais expressivo, pois sem ele não chamaria tanta atenção do leitor.

Muitos escritores vão se utilizar dos desvios de forma intencional, porque sabem que assim podem trazer a expressividade que as escolhas voltadas para a norma não trazem, mas é importante apontar aqui que nem tudo que é afastado da norma pode ser expressivo: há aqueles desvios que parte dos falantes usam que são considerados “errados” comparados ao padrão. Por isso, é sempre bom observar o contexto para classificar se os desvios são expressivos (usados propositalmente) ou não.

Melo (1976, p. 25) também concorda que esses processos são pertencentes à estilística e aponta que “pertencerá também à Estilística, além do inventário e interpretação dos recursos expressivos-impresivos da língua, a verificação ou a denúncia do ajustamento ou desacordo entre a escolha e a situação linguística concreta”.

Monteiro (1991) ainda faz alguns apontamentos salientando que é comum relacionarmos a estilística às dualidades *emotividade e expressividade e denotação e conotação*. À primeira dualidade, ele aborda que há ligação entre a estilística e os elementos que trazem expressividade, despertando emoção e informa também que algumas palavras

carregam mais emoção do que outras, mas que tudo vai depender da recepção do interlocutor, é ele quem vai associar o que está recebendo à sua memória afetiva. Monteiro (op. cit., p. 17) acusa que emotividade e expressividade são parecidos, mas que “a característica fundamental da expressividade reside na ênfase, na força de persuadir ou transmitir os conteúdos desejados, na capacidade apelativa, no poder de gerar elementos evocatórios ou conotações”. Isso significa dizer que expressivo é tudo que traz emoção.

No que se refere à segunda dualidade, o autor é claro ao constatar que a conotação não remete apenas às figuras de linguagem, mas a toda e qualquer palavra que individualmente damos valor emotivo. A denotação é algo mais objetivo voltado para o aspecto conceitual das palavras. Por fim, considera que “a linguagem conotativa é extremamente rica, às vezes de difícil decodificação, em face dos múltiplos significados que engloba. A denotação, ao contrário, costuma ser nivelada ao grau zero, limite para o qual tende a linguagem unívoca”. (Lefebvre, 1975, p. 27 apud MONTEIRO, 1991, p. 21).

Melo (1976, passim) relata que, após Bally, Vossler e Spitzer, outras correntes estilísticas modernas pós-Saussure surgiram, uma delas foi a *Estilística Funcional*, que, baseada em Jakobson, considerava a linguagem como objeto com funções específicas (as seis funções citadas anteriormente) de comunicação. Outra estilística moderna que surgiu foi a *Estrutural* que estudava os elementos do texto. Há também a *Estilística Científica* e a *Estilística Estatística*.

Levando em conta o caráter expressivo da língua, a cada momento que nos comunicamos, há de se abordar aqui também as questões sobre enunciação e enunciado visto que é por meio deles que a estilística se concretiza. Por isso, Martins (1989) aponta outra corrente da estilística: a *Estilística da Enunciação*.

Para a estilística, a enunciação dá conta do andamento da língua, sendo o enunciado o produto, o resultado da enunciação. Faz-se necessário abordar o processo de funcionamento do enunciado, mais do que apenas o conceito de enunciação. A partir daí, surgem duas estilísticas: a do enunciado, voltada para a Gramática e para os aspectos estruturais e a da enunciação, mais interessada na comunicação (locutor, receptor, referente). (MARTINS, 1989, p. 189).

Nessa estilística (da Enunciação), aos conceitos de enunciado e enunciação acrescentam-se também os fenômenos de objetividade e subjetividade, porque cada enunciado que emitimos surge por um desses fenômenos. A objetividade ocorre no momento em que o locutor transmite informações isentas de emoção e com cargas de exatidão. É quando o sujeito não se mostra no seu discurso. Já a subjetividade é o contrário e ocorre na hora em que o sujeito usa a linguagem para expressão de seus pensamentos, ideias e opiniões. A esse último

fenômeno, a autora (op.cit, passim) ainda apresenta em tipos: *dêitica*, *explícita* (uso das formas linguísticas em 1ª pessoa) e *implícita* (quando a 1ª pessoa se pronuncia indiretamente) e tipos de avaliações em graus: *quantitativa* (representando quantidade), *modalizadora* (impressões do locutor a respeito dos fatos) e *apreciativa* (do valor moral ou estético).

Por último, Martins (op. cit., passim) coloca que um ponto enfatizado pela estilística é o da intertextualidade, pois é costume, ao falarmos, trazermos elementos dos discursos dos outros. É constante recebermos e repassarmos informações através de nossos discursos, através de várias possibilidades como, por exemplo, pela *indicação sucinta de atos de enunciação*, que ocorre quando um locutor indica no seu discurso o que o outro locutor falou ou vai falar; pelo *discurso indireto*, que é caracterizado por apresentar subordinação entre as orações; pelo *discurso direto*, que ocorre quando se reproduz exatamente o que o outro locutor falou; pelos *verbos de elocução*, que estabelecem uma ligação entre enunciados de diferentes enunciações; pelo *discurso indireto livre*, que por não possuir um verbo de elocução não mostra com exatidão quem está falando.

Considerada então como ciência, a estilística também vai ter uma metodologia de pesquisa que, para Melo (1976), seria feita com base na Gramática. Sendo assim, os métodos investigariam a estrutura das palavras (Morfologia), os fonemas e alofones (Fonética e Fonologia) e a estrutura sintática das orações (Sintaxe).

Por se tratar de estudos na área da linguística, há alguns autores e estudiosos que atestam estreita relação entre a Estilística e a Sociolinguística, isso porque essa última não estuda a língua de forma homogênea, visto que em situações comunicativas diferentes, nós nos expressamos de maneiras diferentes, por isso, Martins explica que:

[...] a Estilística é uma parte dessa disciplina que estuda certos aspectos da variação linguística. A língua não é um todo homogêneo, pois nas diferentes situações que nos apresentam em nossa vida social, usamos diferentes variedades de linguagem. [...] Cabe à Estilística estudar as variedades, quer da língua falada, quer da língua escrita, adequadas às diferentes situações e próprias de diferentes classes sociais. (MARTINS, 1989, p. 6)

Com o passar do tempo e com todas essas considerações a respeito, os estudos na área foram sendo aprofundados e chegou-se ao texto (oral ou escrito) por meio de duas abordagens, das quais veremos a seguir.

2.2- A estilística linguística e a estilística literária

Vários teóricos estudaram a estilística, tais como Charles Bally, precursor dos estudos sobre estilística que investigava a língua e seu propósito de expressão e Karl Vossler e Leo Spitzer, estudando a respeito da relação expressão e indivíduo. O primeiro manteve o foco na *langue* e os dois últimos na *parole*. Para Melo,

O fundador Charles Bally, propôs uma coisa e dois linguistas, de filiação ideológica e metodológica distantes do Positivismo, propusera outra. Karl Vossler e Leo Spitzer veem a língua como uma *enérgeia*, uma constante criação espiritual, uma sempre renovada obra de arte, situando-a no país da Estética crociana. Embora diferente um do outro, Vossler e Spitzer queriam encontrar na *fala*, nas manifestações da língua, as palpitações do espírito criador, querem surpreender o momento mesmo da elaboração linguístico-artística, beber a linfa no borbulhar da fonte [...] descobrindo o estado da alma que gerou a obra [...]. (MELO, 1976, p. 27-28)

As duas propostas caminham distantes. A primeira, de Bally, é a estilística que hoje conhecemos como *descritiva* (ou linguística) e que era conhecida também como estilística da expressão. Já a segunda, de Vossler e Spitzer, é a *Estilística idealista* (ou literária) ou também conhecida como estilística do indivíduo.

De corrente francesa, a Estilística Descritiva é defendida por Charles Bally e leva em consideração a *langue*, a língua enquanto sistema. Tal vertente julga ser de grande importância observar os recursos linguísticos e os meios de uso da língua, pois são esses recursos que vão ser objetos para expressar a emotividade do sujeito. Ela usa os recursos que nossa língua tem para expressarmos nossos sentimentos, ideias e pensamentos. A estilística descritiva estuda como o escritor escreve.

De acordo com Melo (1976, *passim*), a estilística de Bally leva em conta a língua enquanto sistema de comunicação, é mais próxima do Positivismo, mais reconhecida do que a germânica (idealista) e tem a Gramática como aliada. É ela quem sistematiza os recursos expressivos da língua. Seu foco é o sistema linguístico.

Segundo Martins (1989, p. 4), após Bally, houve alguns sucessores como Marouzeau e Cressot, que em alguns pontos discordaram das ideias principais da estilística. Ambos estavam voltados para a língua literária e Marouzeau, diferentemente de Bally, mantinha seu foco na fala (*parole*) e acreditava nela como um conjunto de possíveis escolhas que o falante tem em mãos para se expressar.

De vertente germânica, a Estilística Idealista (literária ou genética) de Vossler e Spitzer

é de caráter psicológico e interpretativo que estuda o porquê de o escritor utilizar uma maneira própria de escrever. O mundo interior e as vivências do autor são estudadas e há mais foco na criação e na recepção. Aqui, o foco é a *parole* e o espírito criador do autor. Melo (1976, passim) aponta que essa estilística foca na língua enquanto um instrumento que o autor se utiliza para demonstrar seu estado de alma.

Há também autores que defendem a estilística literária. Martins (1989, p. 8-9) cita, entre eles Dâmaso Alonso, que abordava três graus de compreensão da obra literária: pelo leitor comum que não analisa nem exterioriza suas impressões, pelo leitor e pela tentativa de “desvendar os mistérios da criação de uma obra e dos efeitos dessa obra sobre os leitores” (Martins, 1989, p. 9) e que discordava de Saussure enquanto sua dicotomia significante e significado: “o significante não é apenas “a imagem acústica”, mas o som físico também; e o significado não é um mero conceito, mas uma completa carga psíquica que pode incluir emoção, afetividade, volição, intencionalidade, imaginação”. (Martins, idem, p. 9)

Outro autor é Amado Alonso, que diferentemente de outros autores, leva em conta as duas estilísticas relacionadas se complementando. Para Martins,

a estilística da língua cuida dos recursos expressivos de natureza linguística: dos indícios que se sobrepõem aos signos, do lado afetivo, ativo, imaginativo, e valorativo das formas da língua [...]. Essa primeira estilística é a base de uma outra de maior amplitude, a Estilística literária (ou da ‘fala’, por ser de cunho individual) ou da obra. (MARTINS, 1989, p. 10)

O estilo pode aparecer de diversas maneiras num texto oral ou escrito. Ele vai ter o papel, então, de, por meio da linguagem, demonstrar as particularidades do escritor e expressividade/emotividade do mesmo. É o uso da língua a favor da subjetividade que a estilística vai estudar.

Como um pequeno exemplo de como a Estilística pode aparecer, podemos nos utilizar, do poema *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, em que notamos características como ritmo e melodia. Na primeira estrofe, do poema: “Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá; As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá.”, vemos o jogo de sons (aliteração) com a consoante “s” através das palavras *palmeiras*, *Sabiá*, *as*, *aves*. Tal fenômeno é observável pela Estilística fônica. Outro recurso estilístico foi a escolha de citar a ave Sabiá com letra maiúscula, o que demonstra a ave tal importância, como se essa ave só fosse um símbolo importante na terra do autor. Até nesse detalhe a estilística está presente.

Em *O Relógio*, de Vinícius de Moraes, há recursos estilísticos como o uso da onomatopeia (tic-tac) que representa o som do relógio e que dá, no decorrer do poema, ritmo e

melodia: “Passa, tempo, tic-tac Tic-tac, passa, hora Chega logo, tic-tac Tic-tac, e vai-te embora”. Um outro aspecto estilístico é a questão de escolhas lexicais que o autor selecionou para dar brincar no poema com o fato de ser sobre o relógio: *tempo, hora, atrasa, demora*. Tais escolhas foram feitas propositalmente pelo escritor.

No nosso trabalho, faremos uso da estilística, tanto da linguística (descritiva) e literária (idealista), quanto da estilística da enunciação, visto que nosso corpus é construído em diálogos. Nele, vamos perceber que o estilo pode aparecer em todo texto sendo oral ou escrito.

3- PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS

3.1- Os caminhos metodológicos

Pesquisar é tentar encontrar respostas para possíveis questionamentos e dúvidas que existem. Metodologia é o nome que damos aos caminhos que traçamos ao iniciarmos uma pesquisa. A pesquisa que iremos adotar para a análise dos diálogos de *Bóris e Dóris* será com a metodologia de natureza interpretativo-qualitativa. Para tal, recorreremos da novela, observando seus diálogos e retirando trechos que possam ser analisados de acordo com nossas leituras e teorias estudadas.

Na pesquisa interpretativa, o pesquisador traz o seu contexto, suas vivências e experiências e com elas tenta buscar sentido, isto é, ele tenta aproximar o dado de análise ao mais próximo de sua realidade. Já a pesquisa qualitativa tem seu caráter em opiniões e na subjetividade do observador. Nela, é levado em conta o objeto estudado e o contexto do objeto e do pesquisador. Envolve a observação do objeto por um tempo prolongado. Silveira e Córdova explicam que

os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (SILVEIRA E CÓRDOVA, 2009, p. 32)

Sendo assim, tomamos a novela como análise, não levando em conta valores e quantidades, mas tentando entender o que se passa com o sujeito, quais suas formações discursivas e suas condições em que o discurso foi produzido em que tudo isso está inserido através dos recortes selecionados. Por ser mais subjetiva, usa a intuição, isto é, salienta a importância da interpretação.

3.2- A constituição do “corpus”

Em Análise do Discurso, não há uma metodologia imposta, mas seu foco visa a compreensão e o reconhecimento dos sentidos produzidos e que estão estabelecidos no texto. Nesse tipo de trabalho, se busca a representação social geral, isto é, não leva em conta o pensamento individual do sujeito ou da sociedade, mas trabalha com o pensamento, com a ideologia dominante da época.

No método em AD, trabalha-se com a interação do investigador com o objeto a ser analisado, sendo o investigador uma espécie de “tradutor” que, discursivamente, ao interpretar, é motivado por suas experiências e crenças.

Trabalhamos aqui com o objeto de análise, a novela *Bóris e Dóris*, dividido em recortes textuais (RT's), de acordo com cada tópico e com eles pesquisar respostas para o questionamento que levantamos.

3.3- Os procedimentos analíticos

Tendo em vista o nosso objetivo de identificar os interdiscursos presentes em *‘Bóris e Dóris’*, de Luiz Vilela, atentaremos aqui na análise para três conceitos que abordamos na pesquisa e que se fazem presentes na novela, são eles: *Formação Discursiva*, *Interdiscurso* e *Intertextualidade*, conceitos que já foram explanados por nós anteriormente.

A *formação discursiva* (também FD) é o lugar em que o sujeito ideológico está inserido. Nós, enquanto esses sujeitos, possuímos esse lugar de origem que nos direciona no momento de enunciarmos, fazendo com que tenhamos uma posição acerca de algo. É a formação discursiva que permite ao sujeito dizer sobre algo. Se por exemplo, estamos inseridos numa formação discursiva religiosa, formularemos ou repetiremos (por meio de paráfrases), em certas situações, enunciados que indiquem que viemos desse lugar de origem. São as FD's que demonstram nossas formações ideológicas e podemos estar inseridos em várias delas. Veremos, então, por meio dos recortes textuais (RT's) em quais formações discursivas estão inseridos os sujeitos Bóris e Dóris para podermos entender porque produzem tais enunciados.

O *interdiscurso* remete às memórias esquecidas anteriormente que vêm à tona no momento de enunciar. São dizeres de outros sujeitos ideológicos que em um dado momento social, histórico ou ideológico foram enunciados e esquecidos e num outro momento aparece, por meio de paráfrases ou de pré-construídos, para que o sujeito se posicione num outro local, com outros sujeitos e em outros contextos políticos, social e históricos. É como um dizer

esquecido, mas ressignificado em outro momento. Aqui no trabalho, investigaremos quais são esses interdiscursos proferidos pelo casal Bóris e Dóris que já tinham sido enunciados anteriormente, esquecidos e que eles trouxeram de volta. Por meio do que enunciaram, veremos os interdiscursos “renascidos” nos diálogos.

Diferente do interdiscurso, que é o diálogo entre os discursos provindos de diversas situações, a *intertextualidade* é o fenômeno que ocorre quando um texto conversa com vários outros. Essa característica é comum em textos, visto que um texto tem, dentre tantas características, o fato de ser incompleto, pois sempre é atravessado por referências de outros textos. Há um ou mais textos presentes nele.

Em nossa análise, também focaremos o olhar em âmbitos da Análise do Discurso e do Sociocognitivismo tendo em vista o objetivo de estabelecer relações entre os diálogos da novela com os interdiscursos, pois são nesses últimos que encontraremos os primeiros (os diálogos). Nesse caso, alguns conceitos tratados no primeiro capítulo vão ser também abordados.

O Sociocognitivismo trabalha na esfera da comunicação. Para tal área de estudos, não importa se o texto é oral ou escrito, o que deve ser levado em conta é a carga informacional que cada texto traz. Por esse motivo, a Análise do Discurso conversa com o Sociocognitivismo, porque ambas, cada uma à sua maneira, procuram a carga de informação que o texto traz.

Há muito tempo, muitos autores consideram que um texto escrito tem por características o fato de mais bem construído do que um texto falado, pois demanda de mais tempo de produção e organização e em geral precisa ter contida todas as informações porque os interlocutores apresentam uma distância entre si. O texto falado é mais espontâneo, com menos tempo de elaboração e os interlocutores estão próximos, cada um com sua vez de falar (turnos). É o que acontece no nosso *corpus* de análise, que se constitui em diálogos falados. Hoje em dia, a ideia de texto escrito ser mais bem elaborado vem perdendo força, pois o texto falado também passa por uma série de processos para ser produzido.

Trabalharemos na análise o conceito de *referenciação* e *tópico discursivo*. O primeiro é um termo que denomina a relação entre língua e mundo, em que pela língua se faz uma referência do lugar de origem do sujeito e do enunciado (formação discursiva) e do contexto histórico, político ou social (condições de produção). É uma construção de ideias subjetivas do que o sujeito tem de algum objeto. O tópico discursivo ocorre quando nos diálogos há um ponto central de conversa em que os falantes se fixam num determinado assunto. É interessante notar que em nossa análise, o casal, por apresentar um longo diálogo, interage e constrói vários tópicos discursivos.

Verificaremos nos recortes textuais selecionados a presença também de conceitos da

estilística tratados no nosso segundo capítulo. Analisaremos que, nos diálogos, Bóris e Dóris, enquanto falantes e por se tratar de um diálogo informal, fazem escolhas linguísticas, ou seja, optam por quais palavras utilizar no diálogo e como as utilizar sendo elas seguindo ou não as regras (afastamento). Veremos também que em alguns momentos do diálogo há a presença de palavras mais emotivas, expressivas, conotativas e denotativas que fazem com que se demonstre mais sentimentos através da linguagem e por ela entendamos a subjetividade de quem se utiliza desses recursos ao se expressar.

Para que a pesquisa aconteça, faremos várias leituras do *corpus*, observaremos os possíveis elementos temáticos, selecionaremos alguns trechos aptos à análise e, de forma interpretativo-qualitativa, faremos as possíveis observações, focando nas marcas linguísticas e enunciados, sempre em relação com as condições de produção, com o sujeito, com as ideologias e formações discursivas, enfatizando o caráter subjetivo e trazendo o mundo real em consonância ao objeto.

Pretendemos, com esta pesquisa, além de nossos objetivos explicitados, juntar as teorias Sociocognitivist, Interdiscursivas e Estilísticas de forma que elas se complementem, levando em consideração o fato de que todas interferem no processo de comunicação entre os sujeitos. Central em nossa pesquisa, é a resposta à pergunta: como se constituem os diálogos na obra *Bóris e Dóris*?

4- A RELAÇÃO DIALÓGICO-INTERDISCURSIVA EM BÓRIS E DÓRIS, DE LUIZ VILELA

Tendo já abordado os conceitos da Análise do Discurso, da Interdiscursividade, do Sociocognitivismo e da Estilística, nesse capítulo vamos pôr em prática toda essa base teórica discutida anteriormente. Aqui, dos conceitos discutidos, escolhemos nove e dividimos em três subtópicos nos quais, utilizando recortes textuais (RT's) da novela, identificaremos os fenômenos presentes. Cada subtópico leva em conta quatro recortes textuais para observar.

4.1- O estilo construído em diálogos

Nesta seção, consideraremos a formação discursiva, já que ela é o meio em que o sujeito ideológico que articula vários enunciados e interdiscursos acha significado. Todos nós somos sujeitos e estamos também dentro de lugares que influenciam nossa forma de pensar e falar. Também focaremos na oralidade, pois a novela é construída por diálogos. Estes trazem escolhas linguísticas com cargas semânticas que demonstram discursos e formações discursivas. Esses três elementos a seguir analisados (formação discursiva, oralidade e escolhas linguísticas) influenciam na estilística do texto, auxiliando na forma de explicar que ideia subjaz nele. Eis os recortes por nós utilizados:

RT a₁ (p.7):

- Coma um pedaço do bolo de chocolate – ela disse. – O bolo está uma delícia.
- E o meu colesterol? O meu colesterol também está uma delícia.
- Um pedaço de bolo não vai te matar, Bóris.
- Como você sabe? Você é Deus?
- Não. Deus eu não sou: eu sou deusa.
- Deusa... – ele disse, espetando mais um pedaço de melão.
- Pelo menos era assim que você me chamava.
- Era: há dois séculos atrás.

- “Há dois séculos atrás” é errado, Bóris. Ou a gente diz: “Há dois séculos.” Ou a gente diz: “Dois séculos atrás.”
- Eu sei, fessora; foi um lapso.
- Fessora... De deusa baixei para fessora. Que decadência, hem?

RT a2 (p. 13):

- Esse short é o seu short mais curto, não é?
- É.
- E a camiseta, a mais decotada.
- Isso.
- Combina – ele disse.
- Combina. Ainda mais num dia quente como hoje.
- Quente? Você está achando?
- Eu estou.
- Eu, não.
- Eu estou; bem quente.
- Deve estar uns vinte e oito graus.
- Vinte e oito graus não é quente?
- Não; quente é acima de trinta graus.
- Quer dizer que abaixo de trinta graus é frio.
- Não, não é frio; mas também não é quente.
- É o que então?
- Temperado.
- Então hoje está temperado.
- Está.
- Pois eu estou achando quente.
- Você pode estar achando quente, mas não está quente.
- O importante é o que eu estou achando?
- De certa forma, sim.
- Então?
- Então?...

RT a3 (p. 22):

- Não está lembrada?
- Estou, Bóris, mas...
- O conglomerado, Dóris!
- Ah, é... O conglomerado...
- O conglomerado!
- Isso...
- Todas as empresas reunidas.
- Eu sei; todas as empresas...
- Reunidas e sob a direção de quem?
- De quem?
- De quem poderia ser, Dóris?...
- Do Doutor Bóris.
- Do Doutor Bóris; do Doutor Bóris Paternostro.
- Que bom, Bóris...
- Tudo indica que isso vai acontecer – ele disse; - tudo indica...
- Que bom...
- Há algumas resistências, é claro; mas eu acho que elas serão vencidas quando, hoje, eu fizer a minha exposição, uma exposição que, eu espero, será, no mínimo, brilhante.
- Eu tenho certeza.
- No mínimo brilhante.

Ela sacudiu a cabeça.

- Corre por lá também que... Isso é uma pessoa que me disse, em off... Corre por lá que eles pensam em dar ao conglomerado o nome de Organizações Bóris Paternostro.

RT a4 (p. 36):

- Tudo tem a ver com tudo. Uma coisa aqui e agora tem a ver com outra lá não sei onde e quando. Tudo tem a ver.
- A Alemanha é um país civilizado. Lá eles sabem a importância dos animais. Lá eles preservam a fauna; a fauna e a flora. Não é como aqui, no Brasil, onde as pessoas destroem tudo.
- Quem manda na natureza é o homem. O bicho não manda em nada.

- Não é assim.
- Quem manda no mundo é o homem.

Tendo em vista a Formação Discursiva (FD) como o lugar de origem do sujeito ideológico, observamos no RT a₁ que o casal veio de um ambiente em que há o preconceito em relação ao *status* social. Bóris é um empresário e Dóris uma ex-professora. Um empresário, como é sabido pelo senso comum, recebe mais prestígio e possui mais poder aquisitivo do que uma professora. Quando Dóris o corrige, já que ela era professora, dominando mais a Língua Portuguesa do que seu marido, este se utiliza do termo ‘professora’ de forma oralizada e ainda com indiferença: *fessora*, ou seja, escolheu um elemento, que em geral, usamos em diálogos falados informalmente, sendo afastados da norma. Esse “*fessora*” traz também uma carga de preconceito em relação a área profissional e ironia. Verificamos ainda que o sujeito perde o seu *status* de “deusa” para ganhar o de “fessora”. É um deslizamento da FD beleza para a FD professora.

Orlandi (1999, p. 43) explica que as formações discursivas trabalham no sentido das palavras, que podem ressignificar dependendo das posições dos sujeitos. Nesse caso, a palavra “professora” reduzida para “*fessora*”, foi utilizada como ironia num discurso preconceituoso. Em outros casos, essa palavra vai fazer sentido de modo diferente, dependendo sempre dos sujeitos e das condições de produção, é o que acontece, por exemplo, com o adjetivo “*delícia*”, que no enunciado de Dóris caracteriza o bolo como sendo apetitoso e no enunciado de Bóris caracteriza sarcasticamente o seu colesterol que está alto. Quando seu marido a chamou de “*fessora*”, Dóris também percebeu que há uma diferença entre uma professora e uma deusa. Na novela, por se constituir em diálogos que representam a fala, era esperado utilizar elementos mais orais e informais como o termo professora, que aqui foi suprimido e transformado em *fessora*. Tal termo foi um desvio da norma, um dos processos apresentados por Monteiro (1991), que foi carregado também de ironia e preconceito no que diz respeito a quem tem mais valor, nesse caso, uma deusa.

Há, então, aqui dois confrontos: o de Dóris ser mais inteligente do que Bóris, por ter estudado e sido professora e o fato de mesmo tendo sido professora, não é uma deusa, não tem poder e não tem destaque algum sobre as outras profissões que poderia ter tido.

Ainda em relação à formação discursiva, no RT a₂, Bóris, sendo mais velho que sua esposa, sempre teve ciúmes dela. Por isso, sempre se preocupou com quem ela se relacionava, com suas atitudes e com sua forma de vestir. Encontramos nesse recorte outra formação

discursiva do sujeito ideológico Bóris ao se posicionar sobre o modo de vestir de Dóris: a *FD machista*. O marido, primeiramente, comenta sobre a roupa que Dóris está usando: o short mais curto e a blusa mais decotada. Logo após dizer que combina e Dóris concordar por conta do tempo quente, ele retruca apontando que o tempo não está quente, não sendo necessário ela usar aquele tipo de roupa (no caso, a roupa mais curta e decotada).

Há, posteriormente, uma discussão sobre o tempo e o turno finaliza com Dóris se questionando se o que ela pensa é válido, em que obteve a resposta. É relevante notarmos a resposta de seu marido, que enuncia “*De certa forma, sim*”, o que pressupõe que nem sempre a opinião dela é pertinente e que a dele prevalece. Temos, nesse caso, a *FD machista*, na qual o discurso vai se construindo oralmente, em termos como “*curto*” e “*decotada*”. Esse discurso se debate em torno da temperatura, na escolha estilística por meio das escolhas lexicais do “*machismo*”: “*frio*”, “*temperado*” ou “*quente*”. Essa *FD do machismo* só decide o sentido “*de certa forma*”, já que Bóris detém a última palavra.

Em RT a₃, encontramos um diálogo que remete às escolhas linguísticas. Nele, há uma discussão sobre a empresa onde Bóris trabalha. Dito isso, tal turno se constrói com diálogos em estilo empresarial/administrativo notadas por algumas escolhas linguísticas como, por exemplo, *conglomerado*, *empresas*, *direção* e *exposição*. Outra escolha linguística usada por Bóris aqui nesse tópico discursivo empresarial é a palavra “*Doutor*”, repetida três vezes. Tal palavra também ganhou novo sentido aqui, pois a discussão envolve não um ambiente hospitalar ou alguém com título de doutorado, mas uma empresa. O sentido da palavra se resignificou graças ao posicionamento do sujeito Bóris ambicioso que pretende crescer na vida e obter o maior cargo no lugar onde trabalha. Nesse recorte, também encontramos escolhas linguísticas que demonstram expectativa: “*Tudo indica que isso vai acontecer – ele disse; - tudo indica...*” e confiança: “*Há algumas resistências, é claro; mas eu acho que elas serão vencidas quando, hoje, eu fizer a minha exposição, uma exposição que, eu espero, será, no mínimo, brilhante*”. O que predomina, nesse discurso, é a *FD empresarial* que define o sujeito Bóris Paternostro.

Encontramos as escolhas linguísticas também no RT a₄, que remetem ao discurso de poder. Bóris, sempre discordando de sua esposa, afirma que a natureza não é importante e que o homem tem mais autoridade e prioridade do que ela: “*Quem manda na natureza é o homem*”, logo substituindo o termo natureza, que é mais específico por algo mais amplo para reforçar seu pensamento: “*Quem manda no mundo é o homem*”. O homem, então, teria o poder não só sobre a natureza, mas sobre o mundo inteiro. Temos, dessa forma, uma *FD ecológica* contraditória, na qual predomina a voz do homem contra a do animal, principalmente pela escolha do enunciado: “*O bicho não manda em nada*”.

4.2- Os interdiscursos de Bóris e Dóris

Aqui, como está explicitado no título, levaremos em conta os interdiscursos, ou seja, a memória compartilhada dita, esquecida e “redita” em outro lugar. Buscaremos, então, algumas dessas memórias compartilhadas já-ditas que tanto Bóris quanto Dóris trouxeram de volta. Também trabalhamos com a referenciação, em que uma de suas características é quando trazemos referências do externo para a língua, isto é, são as operações linguísticas utilizadas para fazer referência ao mundo e tudo que nele há e traremos a emotividade linguística, que é quando o texto apresenta elementos que revelam a expressividade e a emotividade do sujeito por meio da linguagem. Para isso, selecionamos os recortes:

RT b₁ (p. 9):

- Depois de certa idade, minha filha, depois de certa idade é assim: cai peito, cai bunda, cai cabelo, cai dente... Vai caindo tudo. Até que um dia é a gente mesma que cai; a gente cai num buraco escuro e fundo, para alegria da turma que está lá embaixo: “Ei, pessoal, chegou carne fresca!”
- Ih, Bóris...
- É a vida, minha cara.
- Mas assim, logo no começo do dia...
- É a vida. Aliás...Você sabe o que é a vida? Sabe? Se não sabe, eu vou te dizer: a vida é uma estrada esburacada, que começa no nada e termina no nada.
- Que horror...

RT b₂ (p.14-16):

- Uma vez, num boteco – ele contou, - eu apostei com um amigo, o João, quem lembrava de mais Nossas Senhoras. Cada um ia falando uma; o que parasse perdia a aposta e pagava a conta. Ela abanou a cabeça, meio rindo.
- Nossa Senhora Isso, Nossa Senhora Aquilo, Nossa Senhora Disso, Nossa Senhora Daquilo... E lá fomos nós, numa disputa sensacional. Só que, quando eu cheguei lá pela décima, eu

empaquei e aí não lembrei mais nenhuma; e o João continuou a toda, falando mais umas trinta ainda, ou sei lá quantas. Eu sei que foi uma derrota humilhante...

Ela riu.

- Mas, também – ele explicou, - o João era um carola daqueles, um verdadeiro rato de sacristia...

- É, né? - Ela disse, brincando com os óculos escuros em cima da mesa.

- Se eu soubesse onde ele mora... Faz anos que eu não o vejo; nem sei se ele ainda está vivo ou se... Se eu soubesse onde ele mora, eu ia perguntar a ele se ele sabe dessa Nossa Senhora Erótica.

- Você acha que iria existir uma coisa dessas, Bóris?

- Por que não? Eu descobri há pouco tempo que existe até uma tal de Nossa Senhora Desatadora de Nós.

- Existe; essa existe. Essa eu mesma já invoquei.

- Vê lá se isso é nome de uma Nossa Senhora; Nossa Senhora Desatadora de Nós... Então põe de uma vez Nossa Senhora Quebra-Galho; fica muito melhor.

Ela riu.

- Se existe uma Nossa Senhora com um nome tão esquisito desses, por que não existiria uma Nossa Senhora Erótica?

- Porque sexo...

- Nossa Senhora Erótica, dai-me uma boa trepada!

- Bóris...

- Nossa Senhora Erótica, fazei com que eu não broxe!

- Bóris, as moças daquela mesa ali estão olhando...

- Estão? Ótimo; assim, elas já vão aprendendo a quem invocar num momento de apuro.

- Além do mais... Isso é pecado.

- Pecado? Ainda existe pecado? Ainda existe alguém que acredite em pecado?

- Existe, e muito mais do que você pensa.

- É... E lembrar que eu já fui até coroinha...

- Você? Dessa eu não sabia...

- Fui, já fui coroinha; mas no meu rabinho ninguém tocou, disso você pode estar certa.

Ela riu.

- Hoje, hoje eu não sei se eu teria a mesma sorte, com todos esses padres aí provando o totó dos garotos e, talvez, invocando Nossa Senhora Erótica. Nossa Senhora Erótica, dai-me um totozinho bem novinho!

RT b3 (p. 27):

- Ao longo de minha vida – disse, - ao longo de minha vida eu aprendi muitas coisas. Uma delas é: as grandes alegrias, assim como as grandes tristezas, são sempre solitárias. Por mais pessoas que a gente tenha ao lado na hora e por mais que nos abracem, congratulando-se ou confortando, é a gente com a gente, e só, não há mais ninguém.
- Eu quero que você me compreenda, Bóris.
- Não, eu sei – ele disse, - eu compreendo. Não tem problema. Eu vou sozinho na viagem. Quer dizer: eu e o piloto.
- Acontece que...
- Então já sei como vou fazer; eu batizo o jatinho com o seu nome: “Dóris”. Que tal? Gostou?
- Não; pra ser sincera, não...
- Por quê?...
- Porque eu não gosto de avião, Bóris; eu já te disse. Entra num avião, para mim, é um suplício.
- Para mim é o paraíso. Voar é com os pássaros, e com Bóris Paternostro.
- Já eu...
- Bom, então já sei que nome eu vou pôr no jatinho: já que não é “Dóris”, vai ser “Bobó”.
- Bobó? ...
- Eu já te contei; quando eu era menino e eles perguntavam o meu nome, eu respondia: “Bobó.”

RT b4 (p. 82-83):

Ela se levantou rápido, apanhou a gravata, limpou-a em seu robe, alisou-a com a mão e pendurou-a com cuidado num cabide do armário.

- O conglomerado foi aprovado, Dóris – ele contou.
- Foi? ...
- Por unanimidade.
- Ô, Bóris!... – e ela abraçou-se a ele no sofá. – Que bom... Eu fico tão contente...
- Eu também; eu também fico. Afinal, como eu já disse, e ainda hoje mesmo, de manhã, tornei a dizer, o conglomerado era o grande sonho da minha vida.
- Que bom...
- É. Eu também achei. Mas tem um detalhe...
- Qual?

- Eu não serei o diretor.
- Não? – Ela exclamou, admirada. - Por quê?
- Bom – ele disse, - em resumo... Em resumo, eles acham que, dentro do clima de renovação da empresa, seria melhor entregar o comando do conglomerado a uma pessoa mais nova; mas inexperiente, por certo, sem o conhecimento e a prática de outros como eu, mas, talvez, mais afinada com os novos tempos, com as novas tendências e tecnologias... Então escolheram o Júnior, que você conhece. O Júnior é um moço de muito valor. Ele é muito dinâmico. Além disso, ele é formado em Administração, tem curso nos Estados Unidos, estágio na Alemanha...
- Isso é traição Bóris.
- Traição?
- Isso é traição.
- Não, não é: isso é a vida.
- A vida...

A interdiscursividade ocorre quando os interdiscursos vêm à tona fazendo novos sentidos, como por exemplo, no primeiro recorte (RT b₁), em “*Ei, pessoal, chegou carne fresca!*”, um interdiscurso que provavelmente foi utilizado em outros tempos: *carne fresca*, que pode significar muitas coisas: algo novo, uma carne conservada e aqui, remete ao momento do envelhecer, em que “cai tudo” e “lá embaixo”, onde quem estiver os esperando os devorará. Carne nova são as novas pessoas: Bóris e Dóris quando morrerem e forem, segundo Bóris, para o inferno.

O interdiscurso do preconceito e da intolerância religiosa estão também explícitos no segundo recorte (RT b₂), visto que Bóris cresceu num lugar religioso: “*E lembrar que eu já fui até coroinha...*”, mas depois de um tempo, se despreendeu desse lugar. Dóris, pelo contrário, ainda demonstra sua crença quando afirmou que invocou à Nossa Senhora Desatadora de Nós. Como ironia, Bóris quer saber da tal Nossa Senhora que ele criou, a Nossa Senhora Erótica, porque sabe que na Igreja Católica há vários santos, cada qual com sua especialidade.

Cria-se então uma dualidade, um embate: religião e sexualidade, ainda vistos como um tabu. É como se a sexualidade em relação à religião fosse pecado.

Outro exemplo de interdiscursos de preconceito e intolerância está no fato de Bóris levantar a ideia de que os coroinhas, crianças que auxiliam os padres nas missas, são abusados por eles. Isso infere no fato de os padres serem criminosos ao praticarem esses abusos com crianças, principalmente com meninos. Com tudo isso, apontamos alguns levantamentos que

por meio de Bóris inferimos: que os padres são criminosos ao cometer o crime de abuso sexual, que todos os coroinhas meninos são abusados e que, principalmente, os padres são homossexuais e pedófilos por praticarem esses abusos com coroinhas do sexo masculino.

Utilizando de sarcasmos, ele quer saber também dos santos eróticos, sabendo que, pela perspectiva religiosa, é blasfêmia. Ironizando sobre essa sua blasfêmia ao criar uma Nossa Senhora Erótica, Bóris ainda deixa alguns elementos que indicam que ele está passando pelo processo de envelhecimento: “- *Nossa Senhora Erótica, fizeti com que eu não broxe!*”

Em RT b₄, vimos o interdiscurso do preconceito com as coisas ultrapassadas e a valorização das coisas modernas. Tal interdiscurso traz à tona que a empresa precisa de mentes novas. Bóris, por já ser mais velho, com ideias não tão convincentes com o objetivo da empresa, não condiz mais com o lema de renovação que ela busca, sendo, pois, substituído por outro empresário mais novo de nome Júnior, que em seu nome carrega já um sentido de pessoa mais nova em algum âmbito ou de alguém que é mais novo em relação à outra pessoa.

Há também o discurso de formação acadêmica na valorização profissional. A novela deixa claro, através dos diálogos de Bóris, que ele não tem formação acadêmica e, por esses e outros motivos, não foi escolhido como diretor da empresa. Como Júnior estudou e adquiriu conhecimentos no exterior, esses motivos foram acrescentados na eleição de um novo comandante na empresa.

Falando agora de referenciação, encontramos tal fenômeno em alguns dos recortes acima. No RT b₁, encontramos o fenômeno de referenciação pela remissão através do termo “*lá embaixo*”, que remete ao inferno que é um elemento externo, isto é, que não estava no diálogo e precisou de nosso conhecimento exterior para inferir o que tal termo quer dizer. Outro exemplo do fenômeno de referenciação diz respeito às anáforas representadas, primeiramente, pelo segmento “*lá embaixo*”, que retomou, como uma anáfora, “*buraco escuro e fundo*”, ambos termos remetem ao inferno. Também em “*pessoal*”, que retomou a “*turma*”. Todos estes elementos linguísticos são da referenciação com a estratégia de progressão pela descrição definida, pois é o mesmo referente com variedades de definições.

No recorte b₂, vemos referência ao amigo de Bóris, João, que é muito religioso e sabe o nome de várias Nossas Senhoras. Em um trecho, Bóris usa alguns pronomes para retomar e dar progressão ao texto ao falar sobre o amigo: “*Se eu soubesse onde ele mora... Faz anos que eu não o vejo [...]*”. Aqui, é claro o uso referencial da anáfora direta, pelo elemento retrospectivo Marcuschi e Koch (2006). Também encontramos a anáfora em “*Existe; essa existe. Essa eu mesma já invoquei.*”, em que o pronome demonstrativo também retoma algo, nesse caso, Nossa Senhora Desatadora de Nós. Aqui, ocorre a referenciação pela estratégia da pronominalização.

No RT b₃, há um exemplo de referenciação que Bóris faz ao refletir sobre sua vida: “- Ao longo de minha vida – disse, - ao longo de minha vida eu aprendi muitas coisas. Uma delas é: as grandes alegrias, assim como as grandes tristezas, são sempre solitárias”. Tal fenômeno é perceptível através do elemento linguístico nomeado por Marcuschi e Koch (2006) de *projetivo*, uma progressão que, como vimos anteriormente, dá ao texto continuidade de ideias e essa continuidade é, então a reflexão de Bóris. A reflexão, além de ser uma referenciação de caráter projetivo, é também um interdiscurso em que se diz sobre a solidão que todos nós passamos ao enfrentar alegrias ou tristezas.

Uma referência peculiar aparece no final do recorte RT b₃: “*quando eu era menino e eles perguntavam o meu nome*” em que o pronome pessoal “*eles*” representa uma referência, mas não é classificada como anafórica porque não tem elementos anteriores. Nesse caso, vemos o fenômeno da remissão, em que, por nossos conhecimentos, iremos compreender que diz respeito às pessoas que perguntavam o nome de Bóris quando este era pequeno. Da mesma maneira que no recorte anterior, ocorre aqui a pronominalização.

Em RT b₄, ainda existem mais de duas maneiras de referenciação: anaforicamente, pelo modo retrospectivo e não-anaforicamente, onde há a remissão, ambas seguindo a estratégia de pronominalização. À primeira maneira temos: “*Ela se levantou rápido, apanhou a gravata, limpou-a em seu robe, alisou-a com a mão e pendurou-a com cuidado num cabide do armário*”, em que os elementos em destaque dizem respeito à gravata e “*O Júnior é um moço de muito valor. Ele é muito dinâmico. Além disso, ele é formado em Administração*”. Na segunda forma de referenciação, temos: “*Em resumo, eles acham que, dentro do clima de renovação da empresa, seria melhor entregar o comando do conglomerado a uma pessoa mais nova*”, em que o pronome em destaque faz remissão aos empresários do conglomerado.

No que se refere à emotividade linguística, os recortes também apresentam algumas palavras com conteúdo de expressividade. No RT b₁, encontramos um exemplo de emotividade linguística utilizada por Bóris no momento em que se dirige à sua esposa, são os vocativos: *minha filha* e *minha cara*. Tais vocativos, por mais simples, carregam algum tipo de emoção de Bóris, principalmente porque no momento de seu uso, o locutor Bóris está numa reflexão acerca da vida. Bóris também coloca expressividade em seu diálogo quando, na metáfora, usa as referências que tem sobre a vida, comparando-a a uma estrada esburacada. O objeto “vida” é construído por uma metáfora de movimento, com começo, mas sem conclusão precisa.

Encontramos em RT b₃ um elemento que remete à emotividade linguística que ocorre quando Bóris pensa em batizar o futuro avião que ele possivelmente terá ao ser nomeado diretor da empresa. Com isso, ele utiliza do hipocorístico de seu nome para demonstrar carinho a esse

bem material. Já que o avião não terá o nome de sua esposa Dóris, terá outro nome carinhoso: *Bobó*, apelido que Bóris tinha na infância.

4.3- A inserção do interdiscurso no diálogo

Nesse último item, serão vistas as noções de intertextualidade, que é a conversa entre os textos; também a noção de tópico discursivo, que trata da questão principal dos diálogos dos falantes; e da conotação na língua portuguesa, elemento participante da estilística, pois ela é um recurso muito utilizado quando se quer demonstrar expressividade por meio das palavras.

RT c1 (p. 26):

- Pelo menos até eu ter meu próprio jatinho, que, aliás, na minha condição de diretor do conglomerado, será minha primeira reivindicação. “Senhores: dada a expansão de nossos negócios e de nossas unidades por todo território nacional, impõe-se, para maior mobilidade e maior presteza na tomada de decisões, a aquisição de um jatinho, um jatinho... é...” Bom: é isso.

Ela balançou a cabeça

- E na estreia, na primeira viagem, quem estará comigo, ao meu lado?

- Quem?

- Você não adivinha?

- Não.

- Ê, Dóris Liesenfeld... Você é ruim para adivinhar, hem?

- Sou – ela disse, prendendo o cabelo atrás, - eu sou mesmo; sou ruim para adivinhar. Quem estará com você?

- Você, meu amor!...

- Eu? Você está louco, Bóris!

- Por quê? ...

- Eu não gosto nem de avião grande, quanto mais de jatinho!

- Hum...

- Agradeço a intenção, mas...

- É... – ele disse.

RT c2 (p. 40-41):

- Eu tomei um Lexotan.
- Ah, então foi isso! ...
- Foi isso o quê?
- Que te deu esse troço agora! ...
- Não, não foi!
- Foi, sim. Foi isso que te deu esse troço...
- Não.
- Lexotan faz mal.
- Tudo faz mal, Bóris.
- Além disso, Lexotan cria dependência, sabia?
- Há dependências piores do que essa.
- O que você quer dizer com isso?
- O que eu quero dizer?

RT c3 (p. 45):

- A vida é uma festa, minha filha...
- Festa? Ah, quer dizer que a vida não é uma estrada esburacada e não sei o que e não sei o que mais? ...
- Ele riu.
- A vida é uma festa, uma festa a que fomos convidados sem saber por quem nem por que, mas uma festa; e então, já que estamos nela, vamos aproveitar até o último minuto. Mesmo porque não haverá outra.

RT c4 (p. 58-59):

- Aí eu fui à recepção e perguntei: “Cadê aquela mulher que estava ali, agora há pouco, naquela “poltrona?” “Mulher?”, o rapaz disse. “Não tinha nenhuma mulher ali.” “Como não tinha?”, eu disse. “Aquela mulher que estava ali” “Então me desculpe”, disse o rapaz; “eu não devo ter reparado.” “Ela estava ali”, eu disse, “ela estava naquela poltrona.”

- Acho que é melhor você continuar tomando o Lexotan...
- Aí eu disse: “Você poderia olhar, para mim, por gentileza, se há uma outra hóspede registrada com o nome de Dóris?” “Pois não, minha senhora...” Ele olhou.
- E havia, claro...
- Ele olhou lá, no computador. “Com o nome de Dóris, minha senhora”, o rapaz disse, “com esse nome é só a senhora mesmo que está registrada aqui, no momento, no hotel.” “Você olhou bem?”, eu ainda perguntei. “Sim, minha senhora, eu olhei; não há possibilidade de engano.”

No primeiro recorte (RT c₁), logo de início, temos um exemplo de intertextualidade, fato que ocorre quando um texto oral ou escrito conversa, isto é, faz referência, a um ou mais outros textos orais ou escritos. O primeiro momento, onde Bóris dialoga, faz referência a um texto de cunho social, é um claro exemplo de intertextualidade explícita.

Intertextualidade é o fenômeno que acontece também em RT c₄, principalmente as de caráter explícito caracterizada pelas aspas nas quais Dóris repete as falas que teve com o rapaz da recepção. Para Koch, Bentes e Cavalcante (2007), a intertextualidade explícita se dá quando o texto traz uma referência citando a fonte de origem desse outro texto. Nesse exemplo de intertextualidade, temos um diálogo citando outro diálogo, o que dá o aspecto de retomada ao texto, com uma grande força conotativa à novela.

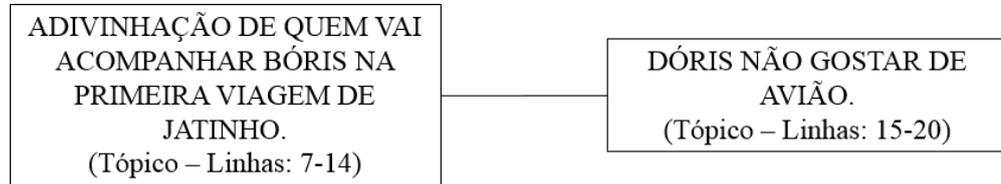
Partindo, agora, para o tópico discursivo, que, explicando de maneira reduzida, remete ao que se fala num diálogo. O RT c₁, traz o tópico discursivo que abrange a adivinhação. Seguindo as propriedades de *centração* e *organicidade* do tópico discursivo descritas por Jubran (2006), analisaremos esse recorte textual.

A *centração* se divide em *concernência*, *relevância* e *pontualização*. A *concernência* segundo a autora (Idem), ocorre quando os enunciados possuem elementos que semanticamente se ligam para que o assunto abordado no diálogo seja definido. Nesse recorte, duas palavras remetem à *concernência*: *quem*, pronome interrogativo e *adivinhação*. Essas palavras remetem ao assunto da adivinhação que Bóris fez com Dóris sobre quem iria estrear o jatinho com ele. A *relevância*, que remete, segundo Jubran (op.cit) a posição focal dos elementos e que pode ser observado através do tema e do rema. Aqui, a *relevância* se dá em torno de Dóris, representada pelos pronomes *quem*, *você* e *sou*. Com a *centração* e a *relevância*, percebemos a *pontualização* do recorte, que seria, então, o fato de Dóris não andar de avião.

A *organicidade* é constituída pelo plano hierárquico (vertical) e pelo plano linear (horizontal), que podem melhor ser vistas através do Quadro Tópico (QT), como veremos a

seguir.

QUADRO TÓPICO 1



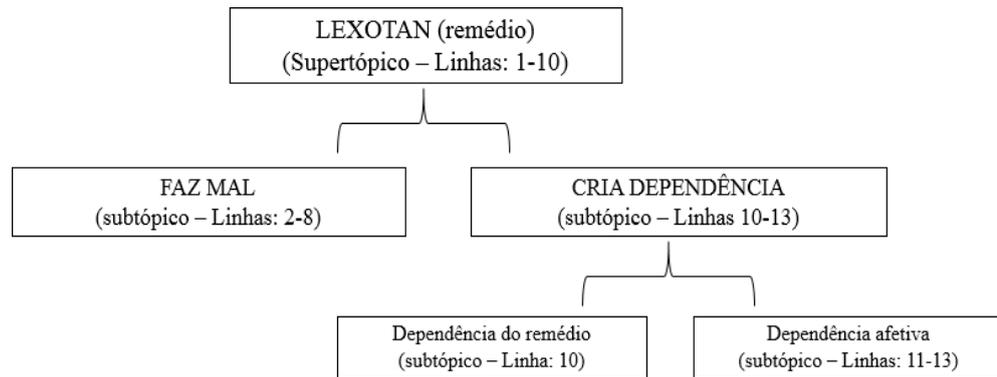
Pelo quadro, vemos que o plano que se sobressai é o linear, que tem a ver com os tópicos tratados no discurso, que nesse caso seria a *adivinhação* e o fato de *Dóris não andar de avião*. Esse plano é marcado pela continuidade porque um tópico vem depois do outro, mas sempre respeitando o fim de cada um. Isso quer dizer que, no diálogo, para falar que não anda de avião, houve o diálogo da adivinhação iniciado e finalizado.

No RT c_2 , temos outro exemplo de tópico discursivo no qual abrange a base principal de uma análise. Trata-se de uma temática que aborda, primeiramente um remédio que Dóris tomou e que a fez mal, mas logo o tópico tem a continuidade tratando das dependências, da falta de carinho que Dóris sente pela ausência de seu marido. Apesar de ser um relacionamento um pouco desgastado pelo tempo, ela tem um carinho enorme por Bóris e sente falta da sua atenção, pois agora, com tanto trabalho, Bóris não tem mais tempo para ela.

Esse tópico remete ao fato de Dóris tomar um remédio que serve para ansiedade, o Lexotan, que como sequela, provoca algumas tonturas e delírios. Bóris culpa o remédio pela dependência e delírios de sua esposa e ela comenta que dependência maior e pior ela já está passando, que é o fato de seu marido a deixar sozinha e não ter mais aquele cuidado e dedicação de antes porque seu foco principal é agora a empresa que ele quer conquistar tendo o cargo de diretor para comandar tudo.

Com tudo o que foi dito, podemos focar na organicidade do tópico com o seguinte Quadro:

QUADRO TÓPICO 2



Em relação à centralidade, vemos o tópico marcado pela concernência quando os elementos *Lexotan*, *troço*, *isso*, *dependência* e *mal* se articulam. A relevância se dá pelos elementos *isso*, que remete ao *Lexotan*, e *mal*, que se refere à dependência e *troço*, ambos mantêm o diálogo em foco. A centralidade e a relevância dão origem a pontualização que, aqui, delimita que o ponto abordado no tópico é o de *Lexotan* fazer mal e criar dependência, mas a dependência maior que essa é a dependência de afeto.

Partindo para a conotação na língua portuguesa, duas palavras no RT c_1 nos chamaram a atenção, pois dão a ideia de oposição, são elas: “*avião grande*” e “*jatinho*”. As duas palavras remetem ao mesmo objeto, mas o que diferencia são as características relativas ao tamanho do meio de transporte.

Em RT c_2 , ao enunciar que *há dependências piores*, Dóris também se utiliza da estilística através da conotação, não com figuras de linguagem, até porque a conotação, como vimos, não se refere apenas a elas, mas remete à carga emotiva e subjetiva de quem enuncia. A conotação está para além do sentido da palavra. Nesse caso, a palavra “*dependência*” não tem a ver com o remédio, mas a algo que Dóris está sentindo falta que é a atenção de seu marido que também está dependente de seu cargo na empresa, isto é, dependente de um status social. Tal palavra se ressignificou.

Encontramos em RT c_3 o elemento conotativo da língua concretizado em forma de metáforas. Bóris, em um momento de devaneio, compara figurativamente vida. Temos como princípio, como foi abordado na fundamentação, o fato de a conotação não se voltar apenas para as figuras de linguagem (Monteiro 1991), mas sim no todo que a pessoa, nesse caso, o sujeito Bóris diz, isto é, o que ele quer passar, o que está sentindo. É esse o papel da estilística, para ela, a língua não exprime só o pensamento, mas também os sentimentos e as volições (Melo 1976, p. 15).

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois das pesquisas e análises, verificamos que os discursos de *Bóris e Dóris* se concretizam por meio de vários elementos, dentre eles, por meio dos interdiscursos, que são memórias compartilhadas que aparecem em forma de enunciados. Não sabemos a origem dessas memórias já-ditas, mas sempre que aparecem ressignificam de acordo com o contexto, situação e sujeito que as utilizam. Os interdiscursos se renovam a cada momento que são enunciados, seja escrita ou oralmente.

Por meio da leitura da novela de Vilela e, ao selecionar os recortes, percebemos muitos interdiscursos, reaparecendo e refazendo sentido. Vimos, por exemplo, vários interdiscursos de Formação Discursiva machista proferidos por Bóris, sujeito que, como vimos nos recortes, tinha muito ciúmes de sua esposa Dóris. Outros interdiscursos nos fizeram encontrar várias outras formações discursivas como, por exemplo, a Formação Discursiva administrativa/empresarial e a religiosa. Esses interdiscursos vieram em forma de escolhas linguísticas, formando assim os estilos dos diálogos do casal.

Conhecemos também muitos âmbitos da área do Sociocognitivismo como a questão do tópico discursivo, da oralidade e escrita e da referenciação se concretizando na novela. São conceitos que foram detectados na análise e que fazem parte das relações sociais por meio dos diálogos. Entendemos que, para essa área, o texto também possui sentido por causa da informação que traz não apenas com esses conceitos por nós apresentados, mas por vários outros defendidos pelos autores.

Por fim, encontramos elementos estilísticos, demonstrando expressividade na conversação. Tais elementos foram escolhas linguísticas utilizadas pelos sujeitos na enunciação. Cada uma dessas escolhas também colabora para a percepção das formações discursivas. Entendemos ainda que os elementos estilísticos, isto é, os elementos linguísticos com expressividade, não se dão apenas por meio da conotação, um dos meios que a estilística se utiliza para colocar emotividade no texto.

A partir dessa pesquisa, vemos que as três áreas: Análise do Discurso, Sociocognitivismo e Estilística foram unidas num só objetivo de constituir os diálogos do empresário Bóris e de sua esposa Dóris. Importante salientar que elas não constituem somente aqui em nosso objeto, mas participam de outros textos que produzimos em qualquer situação e com qualquer interlocutor.

É inevitável que os diálogos orais ou escritos venham isentos de interdiscursos, de

elementos sociocognitivos e de escolhas linguísticas estilísticas. Todo esse processo não é algo produzido de repente, mas algo que vem sendo construído de acordo com cada um de nós enquanto sujeitos ideológicos inseridos em formações discursivas, com condições de produções histórico-sociais. Tais discursos vêm implicitamente em nossas enunciações, não há como planejá-los, pois, é resultado das influências sofridas no lugar em que estamos colocados. Ele está subtendido em nós como algo natural e se concretiza em nossas interações sociais.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa**. 3 ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Discurso e ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

DANTAS, Aloísio de Medeiros. **Sobressaltos do Discurso: algumas aproximações da análise do discurso**. Campina Grande: EDUFCEG, 2007.

FÁVERO, Leonor Lopes; Andrade, Maria Lúcia da Cunha Victória de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *O par dialógico pergunta-resposta* IN: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

FÍGARO, Roseli (Org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

GRIGOLETTO, Marisa. **A resistência das palavras: discurso e colonização britânica na Índia**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2005.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. *Tópico Discursivo* IN: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Especificidade do texto falado* IN: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Hesitação* IN: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Referenciação* IN: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística: A expressividade na língua portuguesa**. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

MELO, Gladstone Chaves de. **Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão - Livraria Editorial Ltda., 1976.

MONTEIRO, José Lemos. **A Estilística**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

PÊCHEUX, Michael. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas,

EDUNICAMP, 1988.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. **Discurso e texto:** formação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza; CRESCITELLI, Mercedes Fátima de Canha. *Interrupção* IN: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. *A pesquisa científica* IN: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

VILELA, Luiz. **Bóris e Dóris.** Rio de Janeiro: Record, 2006.